

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

LARISSA GODOI PEREIRA

Haitianos em Uberlândia: trabalho e as rotas de imigração Sul-Sul no Brasil 2011-2018

UBERLÂNDIA

2018

LARISSA GODOI PEREIRA

Haitianos em Uberlândia: trabalho e as rotas de imigração Sul-Sul no Brasil 2011-2018

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Villen Meirelles Alves.

Uberlândia

2018

Agradecimentos

Aos meus pais Francisco e Juss, e meu irmão Gabriel, obrigada pelo apoio e confiança incondicional desde o momento que decidi cursar Ciências Sociais. Sem o suporte de vocês isso não estaria se realizando.

Aos meus amigos santistas e os que fiz em Uberlândia, obrigada pelo apoio durante as turbulências dessa vida e por toda alegria compartilhada. O laço que tenho com cada um foi essencial para minha permanência e desenvolvimento nesta cidade.

À Fernanda, obrigada por estar do meu lado incondicionalmente nos últimos anos e por compartilhar tantos sonhos. Sou feliz por aprendermos a enfrentar os desafios da vida sempre com amor e zelo. Em suas palavras e ações sempre haviam motivação para concretização deste trabalho.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Patrícia Villen, que muito me inspira, agradeço por acreditar na realização deste trabalho, e em meu desenvolvimento acadêmico. Obrigada pela paciência, cuidado e generosidade. Sua orientação durante cada etapa deste trabalho foi excepcional.

À minha tutora no PET Ciências Sociais, Prof.^a Dr.^a Patrícia Trópia, pela compreensão, apoio e carinho. Sua presença foi essencial na minha formação pessoal e acadêmica, como petiana e como cientista social.

À Prof.^a Dr.^a Débora Figueiredo Mendonça do Prado, que mesmo não tendo contato direto comigo, deu um voto de confiança ao aceitar o convite para a banca de defesa desta monografia, composta também pelo Prof.^o Dr.^o Antonio Carlos Lopes Petean, que muito me ensinou no decorrer do curso. Muito obrigada por colaborarem com o início desta trajetória acadêmica.

Ao coordenador do curso de Ciências Sociais, Prof. Dr.^o Luciano Senna e aos técnicos Lourival, Thiago e Elenice por sempre colaborarem com gentileza e disposição mesmo com tantas burocracias presentes.

Agradeço aos professores Duval Fernandes e Maria da Consolação, que além de produzirem trabalhos essenciais no embasamento teórico desta pesquisa, me receberam muito bem na PUC-Minas em Belo Horizonte, no ano de 2017. Em nossa conversa, muito aprendi sobre o planejamento e a inserção em campo com imigrantes.

Agradeço também a ENACTUS UFU, em especial às participantes Ruth, Rafaela e Fernanda por terem me recebido no Projeto Nidus de portas abertas, sempre dispostas a me ajudar na realização da minha inserção em campo.

Agradeço especialmente a todos os imigrantes haitianos que conheci, pela disposição em participarem das entrevistas e questionários, compartilhando um pouco das histórias de suas vidas nesta pesquisa. Mèsi!

RESUMO

O tema desta monografia é a imigração haitiana na cidade de Uberlândia. Para analisar o objeto deste estudo utilizando uma visão crítica a respeito do fenômeno da migração, procuramos primeiramente compreender o cenário macro da imigração em escala internacional: o porquê a imigração expressa-se como um fenômeno global e suas principais dinâmicas nos dias atuais. Para além disso, este trabalho analisa as características essenciais das migrações Sul-Sul, que têm se fortalecido nos últimos anos no Brasil, devido a diversos fatores ligados, por exemplo, à produção e reprodução do capital internacional no país e, contemporaneamente, às políticas restritivas e ao fortalecimento do racismo e da xenofobia presentes vigorosamente na região do Norte-global. Dando por sequência, a monografia desenvolve um panorama geral sobre os aspectos da imigração haitiana no Brasil para, assim, compreender os traços desse fluxo migratório recente e expor a situação de trabalhadores haitianos na segunda maior cidade do estado de Minas Gerais, Uberlândia.

Palavras-chave: Haitianos; Imigração; Trabalho, Racismo.

ABSTRACT

The object of this monograph is the Haitian immigration in the city of Uberlândia. We first aim to understand the macro scenario of international immigration using a critical view of the migration phenomenon: why immigration is as a global phenomenon and its dynamics in current days. In addition, this study analyses the essential characteristics of South-South migration, which has grown in recent years in the international context and in Brazil, due to several factors linked, for example, to the production and reproduction of international capital in the country and the restrictive politics, the racism and the xenophobia present vigorously in the North-global region. This work also develops an overview of Haitian immigration in Brazil, in order to understand the traits present in this recent migratory flow. Finally, this study focus the presence of Haitian workers in the second largest city of Minas Gerais, Uberlândia.

Key words: Haitians; Immigration; Labour, Racism.

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Desigualdade entre países, de acordo com o coeficiente Gini.....	9
Figura 2 - Onde os indivíduos que migram procuram por asilo.....	11
Figura 3 - Solicitações de refúgio por ano (2010-2016).....	16
Figura 4 - Casos Julgados (2016).....	18
Figura 5 - Solicitações de Refúgio por País (2016).....	18
Gráfico 1 - Desemprego em milhões no Norte Global.....	10
Gráfico 2 - Desemprego em milhões no Sul Global.....	10
Mapa 1 - Principais rotas migratórias dos haitianos para o Brasil.....	22
Tabela 1 - 10 países com maior número de residentes em MG no ano de 2014.....	25
Tabela 2 - 10 países com maior número de trabalhadores em Minas Gerais no ano de 2015...25	
Tabela 3 - 10 Municípios com maior número de imigrantes.....	26
Tabela 4 - Principais atividades econômicas que mais admitiram e demitiram haitianos, Brasil, 2016.....	27
Tabela 5 - Estrangeiros segundo local de Solicitação de Refúgio - CONARE - Minas Gerais.....	32

Lista de abreviaturas e siglas

ACNUR: Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul

CONARE: Comitê Nacional para Refugiados

CNIg: Conselho Nacional de Imigração

CLT: Consolidação das Leis do Trabalho

MINUSTAH: Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti

MINUSJUSTH Missão das Nações Unidas para o Apoio à Justiça no Haiti

OIM: Organização Internacional da Migração

OIT: Organização Internacional do Trabalho.

PIB: Produto Interno Bruto

SUMÁRIO

Introdução	01
1. Movimentos migratórios e sua escala global de manifestação	06
2. O Brasil na rota da imigração Sul-Sul	14
3. A imigração Haitiana no Brasil e os desafios na inserção laboral	20
4. O Haiti está aqui: A presença de imigrantes haitianos em Uberlândia	26
Conclusão	36
Bibliografia	39

INTRODUÇÃO

Diariamente os veículos de imprensa anunciam notícias apontando novas situações de migrações em todo o mundo. De certa forma, a circulação de pessoas foi naturalizada. O cenário da imigração internacional é bastante amplo e tem apresentado um aumento significativo das diferentes modalidades migratórias nos últimos anos,

Milhares de pessoas enfrentam percursos, muitas vezes perigosos, e uma inserção laboral precária. Essa ideia de concretizar uma situação de qualidade de vida em outro país tem uma fundamentação estrutural social, por mais que existam elementos recentes que reforçam o estímulo a migrar. É necessário um olhar crítico sob essa situação, que compreenda esse fenômeno não como um conjunto de casos isolados, mas como um produto inseparável das dinâmicas de funcionamento da atual economia política global.

A relevância dos estudos sobre as migrações Sul-Sul dentro das Ciências Sociais, e das Ciências Humanas em geral, simultaneamente à escassez de estudos sobre o cenário da imigração haitiana em Uberlândia foram estímulos para desenvolver esta monografia visando dar visibilidade à temática e, sobretudo, à presença desses sujeitos no município de Uberlândia. Além de contribuir para quebrar a invisibilidade tão presente no Brasil sobre a presença de imigrantes e refugiados do Sul-global, este estudo se revela particularmente importante no atual momento de crise econômica e política do Brasil, onde aparecem cada vez mais manifestações de racismo, xenofobia e violência contra esse grupo social.

Adota-se, para tanto, a perspectiva analítica de que a migração é um fenômeno de “expulsão” gerado por uma conjuntura social, política e econômica, que se fundamenta nas desigualdades (BASSO, 2013; SASSEN, 2016). Essa perspectiva foi desenvolvida no período de embasamento teórico, que aconteceu durante toda a trajetória da formação acadêmica da autora, no curso de Ciências Sociais, e principalmente no decorrer da pesquisa, no período de levantamento bibliográfico das produções acadêmicas, nacionais e internacionais sobre a temática.

Dessa forma, este trabalho, diferente das perspectivas teóricas que tendem a naturalizar as dinâmicas desses movimentos, busca entender as características históricas desses deslocamentos no período recente, que vêm chamando a atenção de sociólogos, demógrafos e estudiosos de diversas áreas. Em particular, a partir da análise do caso da imigração haitiana em Uberlândia, tem-se como objetivo mostrar como o Brasil está inserido na rota dos fluxos migratórios Sul-Sul.

As rotas da migração Sul-Sul no Brasil têm se consolidado principalmente a partir do início do século XXI. O país passou a ser um espaço estratégico para o recebimento de fluxos migratórios de diversas nacionalidades, mas predominantemente de países periféricos. O fato do país fazer parte das novas formas de atuação do capital internacional, assim como do panorama da nova divisão internacional do trabalho, coloca o desafio, a quem pesquisa a temática, de identificar as dinâmicas implicadas, a fim de procurar entender as múltiplas propriedades dos diversos movimentos migratórios que ocorrem hoje no Brasil.

Na última década, a imigração haitiana no país é um dos casos que mais chamou atenção, tanto da mídia e da população, quanto da academia. Esse fluxo migratório teve início a partir do ano de 2010. Desde então, tem sido colocada em pauta a emergência de um campo de estudos para compreensão da situação desses imigrantes no Brasil, que apontam diversos fatores de reflexão sobre o porquê o Brasil começa a ser um ponto estratégico, seja como destino final, ou parte de um percurso migratório, para imigrantes haitianos.

A partir desse panorama geral direcionamos o olhar para o recorte local: a presença de imigrantes haitianos na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. A cidade foge do eixo migratório das capitais brasileiras, como São Paulo, e hoje é a terceira cidade com mais imigrantes do estado. Como isso acontece? Por que Uberlândia é atrativa para os fluxos migratórios?

Uberlândia situa-se no Triângulo Mineiro, região de intensa atuação de grandes empresas nacionais e transnacionais, que por meio da expansão do mercado de terras, reúnem-se na exploração mineral e agrícola, e atraem a mobilidade de trabalhadores nacionais e internacionais. Nesse mercado, estão envolvidos altos investimentos, e alteram, inclusive, políticas territoriais a fim de corresponder a demanda dessas empresas (CLEMENTE, 2017).

Uberlândia sustenta sua economia nos setores de serviços, indústria e agropecuária (Fecomércio MG, 2018). A cidade sedia grandes empresas como: Algar S.A. Empreendimentos e Participações (Algar Agro e Farming), Ambev, Cargill Agrícola S.A., Coca-Cola, Uberlândia Refrescos, BR Foods e JB, por exemplo. Portanto, Uberlândia ocupa um lugar privilegiado da logística, do agronegócio, e conseqüentemente com intensa circulação do capital transnacional. Esse cenário acompanha a circulação de fluxos migratórios. Compreender a imigração haitiana em Uberlândia, nos auxilia, assim a compreender essa movimentação de pessoas e de capital transnacional.

Para além disso, uma vez que os imigrantes haitianos se instalam na cidade, é desenvolvida uma rede que se articula. Esse fluxo é contínuo mesmo que o Brasil esteja em

uma conjuntura de crise política, e econômica, que tem por consequência altos índices de desemprego e de trabalho precário e um desmonte dos direitos trabalhistas.

A partir deste contexto, esta monografia desenvolve a hipótese de que os fluxos Sul-Sul não são interrompidos, os imigrantes haitianos continuam migrando para o Brasil, continuam chegando em Uberlândia, mesmo após a crise, e ocupando postos de trabalho precários. No trabalho de campo procurou-se compreender os condicionantes colocados aos imigrantes neste novo contexto.

Na primeira seção, é feita uma exposição dos principais aspectos das migrações, a partir do panorama internacional, evidenciando a escala mundial de manifestação desse fenômeno. Para desenvolver essa análise, problematiza-se a expansão da globalização e a contradição existente na essência da economia capitalista global, que acompanha um aumento dos deslocamentos de populações em nível global.

A partir desse panorama mundial, a segunda e terceira seções exploram a inserção do Brasil nas rotas migratórias Sul-Sul. O estudo analisa elementos que demonstram como o país tem se tornado um ponto estratégico, seja como destino final ou como parte do projeto migratório (SASSEN, 1988) de muitos migrantes do Sul global. O objetivo foi iluminar como a imigração haitiana é um exemplo nítido, que chama a atenção e nos faz refletir o porquê o Brasil, país supostamente “fora” do eixo tradicional das migrações internacionais (Sul-Norte), passou a se consolidar como local estratégico nos fluxos migratórios de haitianos. Sobretudo, considerou-se importante evidenciar questões históricas que ajudam na compreensão de que a vinda em massa de haitianos e haitianas para o Brasil não foi apenas uma decorrência do terremoto de 2010, no Haiti. A resposta do senso comum para explicar esses fluxos é que a imigração haitiana no país é consequência desse desastre ambiental. Todavia, considera-se necessário um pensamento crítico para compreender, partindo do fundamento de Castles (2005), que os desastres naturais de curta duração podem ter implicações políticas, não pelo evento em si, mas devido às reações dos governos a respeito e particularmente por questões econômicas estruturais mais profundas.

O país caribenho, Haiti, possui um histórico social e político conturbado. Sua população presencia violências desde quando era colônia da França. Foi o primeiro país latino-americano a ser independente, todavia, mesmo após a sua independência sofreu com embargos econômicos e políticos de países dominantes. Além das inúmeras intervenções internacionais – a mais recente, MINUSTAH, que teve forte apoio militar do Brasil - o povo haitiano também enfrentou diversos regimes ditatoriais, e a exploração da burguesia nacional. Dessa forma, vemos que o

Haiti é um país submetido às explorações estruturais desde a época do colonialismo, e hoje, do sistema imperialista moderno. Existem, portanto, outras fortes questões que movem o fluxo migratório haitiano, para além do terremoto de 2010, e que serão analisadas neste estudo.

Para o desenvolvimento dessas e outras questões, foi realizada uma revisão da bibliografia nacional e internacional sobre as migrações globais, atentando o olhar sobre a produção acadêmica contemporânea acerca da migração Sul-Sul no Brasil e, principalmente, sobre a temática da imigração haitiana no país.

Em relação à compreensão do tema no cenário local, foi escolhida como metodologia a realização de um estudo de campo em Uberlândia, a fim de compreender os condicionantes colocados aos imigrantes neste novo contexto. O trabalho de campo delimitou-se no espaço das aulas de língua portuguesa para imigrantes, do Projeto Nidus¹, que acontecem em uma pequena sala cedida pela E.E João Rezende. A escola é localizada no bairro periférico, Custódio Pereira, onde concentram-se muitos haitianos que vivem em Uberlândia. O Projeto Nidus atende hoje cerca de 15 pessoas, todos são haitianos. É comum os ex-alunos do Projeto interagirem com as voluntárias, no horário de intervalo, pois atualmente frequentam as aulas do EJA - Educação Jovens e Adultos. Tive contato, portanto, com cerca de vinte haitianos no decorrer do trabalho de campo.

É importante pontuar que, o objetivo do trabalho de campo não foi realizar análises quantitativas, mas explorar as complexas particularidades da imigração haitiana em Uberlândia, sobretudo registrar a presença desses sujeitos na cidade, embora sejam fortemente invisibilizados.

Além da convivência com os haitianos no espaço da sala de aula, também tive acesso às informações do SEMAP – Serviço de Missões Aos Povos, projeto da Igreja Assembleia de Deus que hoje atende cerca de 170 haitianos, um número alto em relação ao dado da Prefeitura de Uberlândia, que afirma a presença de 200 haitianos na cidade em 2015.

Na medida do possível, o trabalho de campo procurou contemplar o contato direto com haitianos e haitianas, que saíam do trabalho às 18h e, mesmo cansados, estavam dispostos a aprender português no período noturno, duas vezes por semana.

Foram coletadas diversas informações, a partir dos casos concretos, presenciados em conversas e demais experiências, que aconteceram no período da pesquisa de campo, entre

¹ Desenvolvido pela Enactus (UFU). Esta ONG é composta por estudantes da Universidade Federal de Uberlândia. O Projeto Nidus tem o intuito de auxiliar imigrantes, a maioria haitianos, a se inserirem na comunidade, por meio da oferta do ensino da língua portuguesa, com duas aulas por semana na E.E João Rezende, no bairro Custódio Pereira, Uberlândia.

março e maio de 2018, em conjunto com quatro entrevistas e questionários semiabertos aplicados que aconteceram nos dias 21 e 22 de maio. Todo esse processo de investigação qualitativa foi fundamental para efetivação da análise desta monografia, para compreender principalmente os aspectos do porquê os haitianos e as haitianas escolheram Uberlândia em seu projeto migratório, como continuam a chegar na cidade e a ligação desses fluxos com as dinâmicas de inserção laboral.

1. Movimentos migratórios e sua escala global de manifestação

Vivemos um período em que a mobilidade de pessoas nunca foi tão intensa. Estampam manchetes de jornais e revistas: o mundo está se deslocando. São diversos e específicos os motivos, de acordo com a situação cultural, social, política e econômica de cada povo. Todavia, podemos refletir o porquê e como a migração tornou-se fortemente presente na sociedade atual. Por que pessoas enfrentam riscos enormes para atravessar fronteiras?

Primeiramente, é necessário que pensemos sobre essas fronteiras. Os Estados-nação são historicamente construídos por meio de linhas imaginárias, e assim constituem-se as “comunidades imaginadas” (ANDERSON, 2008). Estas são delimitadas por bandeiras, agentes de segurança, alfândegas e demais fatores. Todavia, é importante uma reflexão crítica sobre a naturalização dessa concepção de fronteira.

Da mesma forma que existem as delimitações demográficas entre países, existem as delimitações culturais e políticas, que foram construídas ao longo da história. Essas delimitações entre países existem simultaneamente a uma efetiva união global², colocada a partir do caráter da economia capitalista. Podemos pensar, por exemplo, na pluralidade cultural entre Ocidente e Oriente. As duas maiores potências econômicas atuais, Estados Unidos da América e China, pertencem à continentes extremos. Tratam-se de países que têm particularidades específicas quanto à historicidade, tradição e cultura, porém são equivalentes em relação à lógica organizacional de suas economias, isto é, ambos seguem o mercado financeiro mundial, fortemente marcado pela especulação e a busca de enormes lucros em cima da exploração de mão-de-obra.

Entre as décadas de 1970 e 1980, o mundo encontrou-se em uma atmosfera de esperança com os milagres que a "santa" globalização supostamente ofereceria. O sociólogo Ricardo Antunes (1995) aponta, no entanto, a contradição que está na essência desse processo histórico de expansão do capitalismo, as formas de utilização da força de trabalho em escala global. Em sua opinião, ao acompanhar as modificações da sociedade, o capitalismo passa para uma nova fase. O desenvolvimento de tecnologias - parte importante da globalização -, passa a ter um grande e rápido avanço. A lógica capitalista apropria-se dessas novas tecnologias e as aplica nas relações de trabalho a fim de gerar mais lucro, conseqüentemente, produção e acúmulo de

² Para uma análise da dimensão econômica da globalização, do funcionamento do mercado mundial, de sua dimensão financeira e do mercado de trabalho, ver respectivamente: Wallerstein (1979); Chesnais (2005); Sassen.(2015) Para o tratamento da dimensão cultural implicada, ver: Said (2011) e Ortiz (2015). No que se refere às políticas restritivas de imigração, ver (Basso, 2010)

capital. Além disso, nesse processo está implicado o aumento da mobilidade dos trabalhadores, que será investigado neste trabalho.

Também em relação a essa dimensão tecnológica, Manuel Castells (1999) afirma como a globalização reformulou as estruturas espaciais na sociedade, sugerindo a ideia de que o mundo passou a ser compreendido como um conjunto de fluxos, não mais de lugares. De toda forma, a economia mundial manteve sua essência capitalista, mesmo que, ao passar do tempo, tenha se reconfigurado, em relação ao aumento da mobilidade do capital, em âmbito nacional e principalmente transnacional.

Na fase de ascensão do neoliberalismo após 1970, articulações específicas entre países, combinadas com a mobilidade transnacional do capital, constituíram uma nova forma de produção. Muitas empresas deslocaram suas fábricas para países com isenção fiscal, baixos salários, poucos direitos trabalhistas e busca de matéria prima. Como muitos estudiosos têm apontado, trata-se de uma nova divisão internacional do trabalho. Embora com características imbricadas com as dinâmicas de funcionamento da globalização no contexto atual, esta nova divisão do trabalho preserva a lógica de que cada estágio de produção acontece onde o custo para se fabricar é menor. Assim como Sassen (1998) aponta, a economia mundial encontra-se na junção entre a dispersão global das atividades econômicas e a interação global, que serve de estratégia para seu funcionamento.

Essa mesma lógica de funcionamento do capitalismo acompanha a já mencionada realidade de aumento da mobilidade das pessoas, chocando-se fortemente com o funcionamento restritivos das fronteiras entre os Estados-Nação. Considerando esse fato, fica evidente como as políticas de imigração tornaram-se ultrapassadas. Todavia, estas, pautadas pelo princípio restritivo do direito da cidadania e permanência em solo estrangeiro, são parte da estratégia de defesa da soberania nacional.

Mais do nunca, diversos estudos e também notícias da mídia têm apontado como, no momento em que pessoas com diferentes línguas e culturas estão em um território que não é seu país de origem, há uma atmosfera de preocupação em relação a um abalo da identidade nacional. A partir disso, podemos pensar sobre como os Estados-nação têm uma completa resistência aos imigrantes, que acontece a partir da noção de hierarquia entre povos e raças.

[...] Nada é tão útil quanto a volta à cena de doutrinas, estereótipos e práxis racistas já experimentados pelo colonialismo histórico; nada é tão útil quanto a divisão organizada, a concorrência assídua e, mais ainda, o choque aberto de trabalhadores de diversas "raças" e nacionalidades. (BASSO, 2015, p. 57)

As hierarquias entre países foram definidas principalmente na modernidade, desde o período do colonialismo com a implantação forçada do modo de produção capitalista nos territórios conquistados, às custas do extermínio de comunidades nativas e do tráfico de trabalho escravo para a extração de matérias primas (PRADO JR., 1976). Sendo assim, o desenvolvimento desse sistema é contraditório, porque justifica o progresso de alguns poucos países, omitindo a responsabilidade pelos prejuízos sociais, políticos, econômicos e ecológicos nas sociedades submetidos à exploração e à dominação. Conforme explica Petean (2014), o racismo foi um dos pilares de expansão e desenvolvimento do capitalismo:

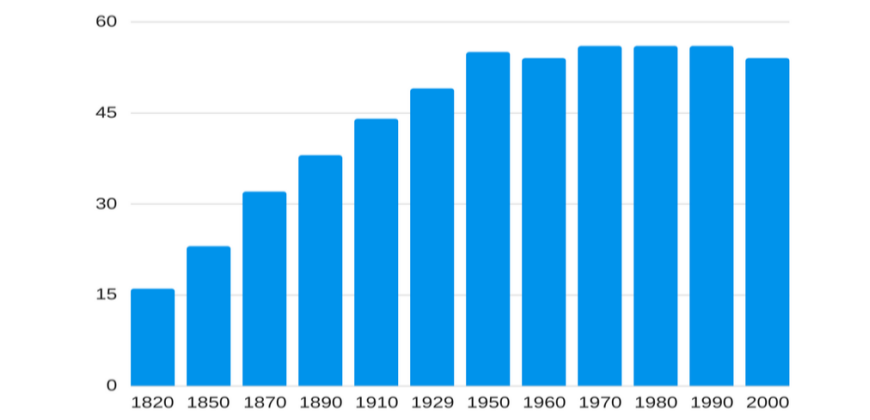
[...] para Wiewiorka (2007), o racismo é produto da era moderna e está intimamente ligado as grandes descobertas, que introduziram novas relações econômicas entre a Europa e os novos continentes descobertos e colonizados. Assim, o racismo na História caminharia paralelamente aos descobrimentos, a colonização, a revolução industrial, ao imperialismo neocolonialista e teria seu ápice no nazismo. O Imperialismo pode ser definido como um período da História do capitalismo industrial, no qual se processou uma forte concentração de capitais, acompanhado pela formação de grandes grupos industriais monopolistas. Cronologicamente ele teria “iniciado” por volta da segunda metade do século XIX e caracterizou-se pela necessidade de exportar capital e mercadorias em grandes volumes (PETEAN, 2014, p. 131)

O sociólogo Pietro Basso (2013) aponta como essa questão está imbricada com os movimentos migratórios, tendo em vista que, desde o início, o mercado mundial funciona por meio da produção de desigualdades entre classes, povos e nações, fator que está na base da produção dos fluxos migratórios. Como afirmamos no parágrafo acima, o colonialismo produziu um violento desnível entre povos e mesmo após o seu fim, com a independência política desses países, mantiveram-se as relações (neo) coloniais entre Norte global e Sul global por meio de outras formas.

Quando refletimos sobre os países chamados desenvolvidos, vemos que concentram-se no Norte global. Por meio da história do colonialismo, compreendemos essas dinâmicas, que não são novas, mas que intensificam-se com o passar do tempo. Assim como foi demonstrado acima, a lógica capitalista transformou-se para suprir às demandas de produção e sua ligação com concentrações de riqueza.

Após a revolução industrial, o marco de desenvolvimento do capitalismo, o nível de desigualdades entre países só tem aumentado, como podemos observar na figura abaixo. Essa desigualdade mantém-se durante as últimas seis décadas. O fato de existir países e regiões com maior concentração de riqueza faz com que a migração forçada se reverbere.

Figura 1 - Desigualdade entre países, de acordo com o coeficiente Gini

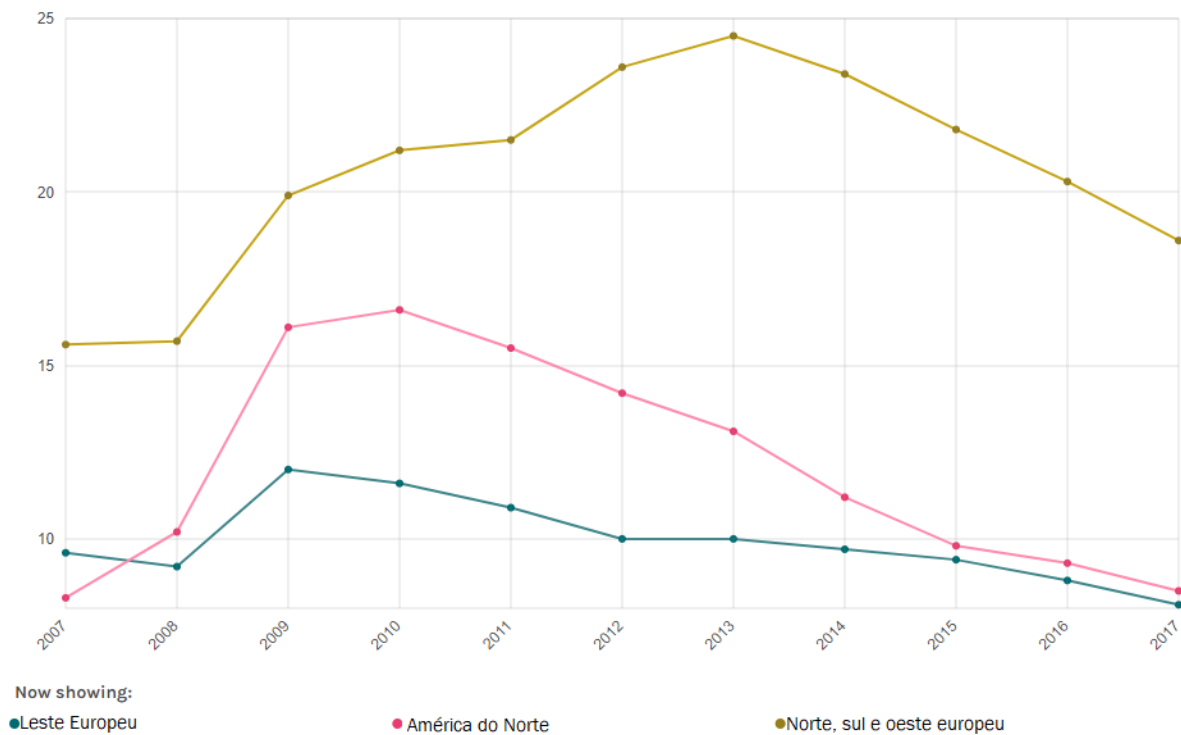


Fonte: Base de dados do índice Gini

Logo, compreendemos que há uma combinação entre as desigualdades internas e entre os Estados-nação e as situações em que ocorrem conflitos armados, desastres ambientais e desemprego. Essa ligação foi investigada recentemente por Saskia Sassen (2016) e se manifesta no que a autora chama de “expulsões”. Tratam-se de deslocamentos refletindo-se como uma tendência global, porém, é claro, marcados também por especificidades. No Sul global, as migrações costumam ser movidas pela pobreza, desemprego, por guerras, questões ambientais ou doenças, como revela a autora. Nos gráficos 1 e 2 abaixo “Desemprego em milhões no Norte Global” e “Desemprego em milhões no Sul Global”, podemos observar como a questão do desemprego foi forte tanto no Norte- global quanto no Sul-global. O desemprego manifestou-se com força principalmente na região norte, entre os anos de 2009 e 2012, mas, após 2013, obteve um decréscimo. Neste mesmo ano (2013), o desemprego em países do Sul-global revela uma tendência de crescimento.

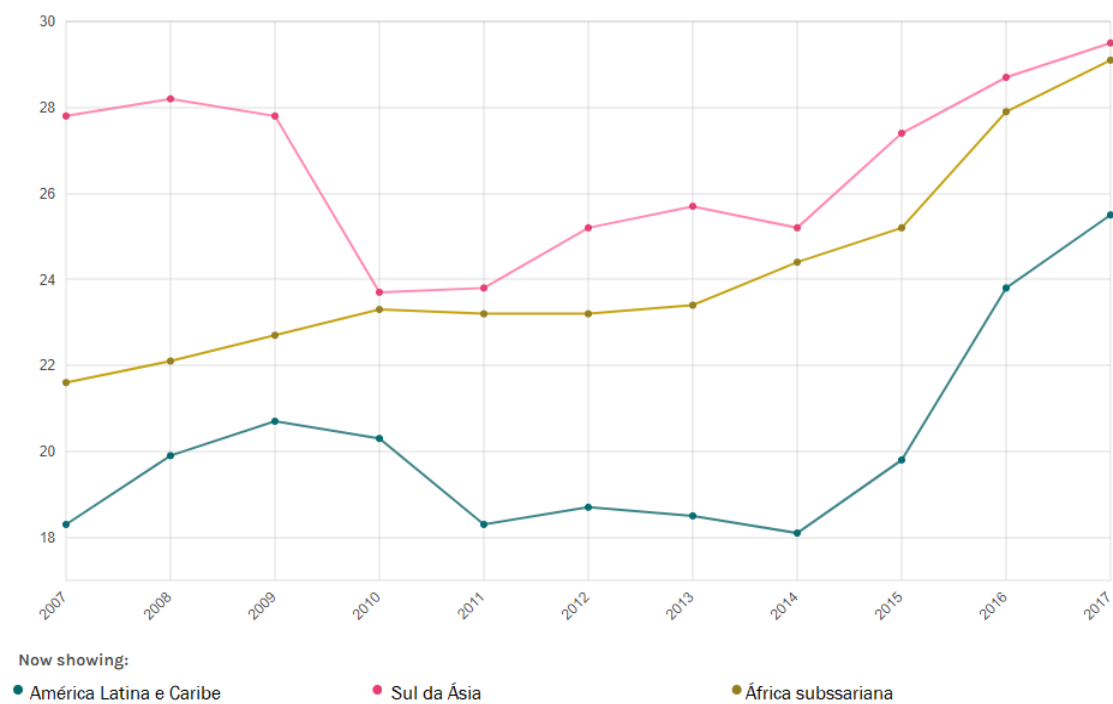
Após a eclosão da crise em 2007 e 2008, os efeitos de recessão continuaram se refletindo nos índices de desemprego, que mantiveram-se em alta até 2013. Em relação ao nível decrescente de desemprego nos últimos anos nos territórios do Norte-Global, é necessário ressaltar que a qualidade em relação às condições de trabalho decaiu. No geral, são sobretudo oferecidos empregos precários.

Gráfico 1 - Desemprego em milhões no Norte Global



Fonte: Base de dados da OIT - Organização Internacional do Trabalho

Gráfico 2 - Desemprego em milhões no Sul Global



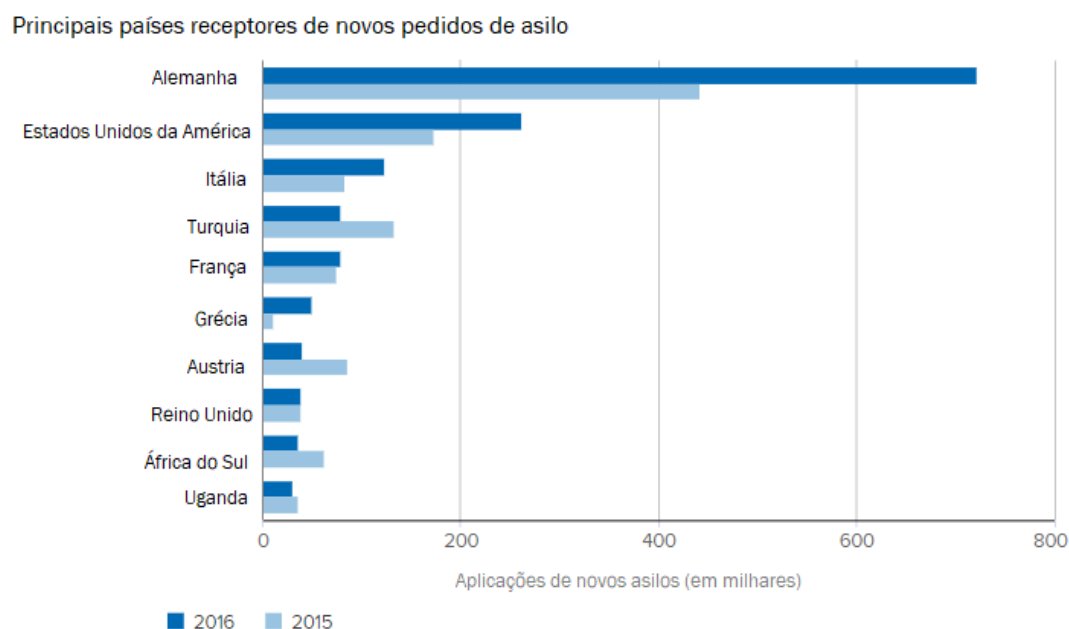
Fonte: Base de dados da OIT - Organização Internacional do Trabalho

O deslocamento de pessoas no Sul global é impulsionado para além das causas ditas acima. Muitos dos desastres ambientais são localizados nas áreas mais pobres do globo. Estima-se que, até 2030, aproximadamente 3% das regiões litorâneas desses locais ficarão submersas pela água, com consequências drásticas para populações de países periféricos. Todas essas mudanças climáticas que acarretam ciclones e enchentes, juntamente com a pobreza ou conflitos armados, por exemplo, contribuem para o aumento do deslocamento em massa nos países do Sul global.

É preciso ressaltar como os fluxos Sul-Sul estão aumentando. Parte desses fluxos são direcionados aos países vizinhos, acompanhando sérios problemas na recepção e na forma de integração dessas populações nas sociedades de destino - como é o caso bastante evidente da situação dos venezuelanos no Brasil, mas não apenas, como será problematizado neste trabalho.

No entanto, o Norte global continua sendo o destino mais almejado desses fluxos. No caso do refúgio, como aponta os dados do gráfico abaixo, esse direcionamento fica bastante evidente:

Figura 2 - Onde os indivíduos que migram procuram por asilo



Fonte: Relatório “Tendências Globais 2016” da ACNUR

Conforme já ressaltado, os imigrantes e refugiados se defrontam com políticas restritivas de imigração e refúgio na maioria dos países do Norte-global. Essa questão é fundamental para se compreender os aumentos dos fluxos Sul-Sul. Essas medidas estimulam a

proliferação do contrabando e do tráfico de seres humanos, além da face ilegal de uma "indústria da migração" em crescimento, que representa uma resposta lógica da parte do setor privado aos constrangimentos e às oportunidades decorrentes da aplicação de políticas restritivas (Castles, 2005).

Feito esse panorama sobre os fatores propulsores da imigração internacional nos parágrafos acima, avançamos com o tratamento da questão de que migra-se em busca de uma situação de vida melhor. Diversos estudos têm fundamentado largamente como migrar é uma fuga da situação de marginalização que existia no país de origem (Sayad, 1980; Basso, 2010; Sassen, 2016).

Para migrar, a disposição física é um requisito comum, por isso a maioria dos migrantes são da faixa etária mais jovem. É necessário ter disposição física para enfrentar difíceis jornadas ao atravessar fronteiras e, principalmente, submeter-se a condições de trabalho que, na maioria das vezes, é de exploração. Ao estar em um ambiente onde a língua e os costumes são diferentes, e com a legislação seletiva e repressiva que se mostra como uma característica comum dos Estados-nação, trabalhadores imigrantes tornam-se alvo para exercer atividades braçais e em empregos com condições muito precárias, como aponta Abdelmalek Sayad (1980).

Essa demanda de força de trabalho se combina com as expectativas dos imigrantes de construção de uma condição de vida mais digna que em seu país de origem e os coloca em uma situação de extrema vulnerabilidade. Por esse motivo, como disserta Basso (2013), esses imigrantes “aceitam o inaceitável”, desde início de sua permanência no país de destino.

Assim, surge o questionamento: o imigrante é um trabalhador livre? A “liberdade” que o trabalhador imigrante possui em trocar sua força de trabalho por um salário, a partir de um contrato, existe de fato? Por diversos motivos que tentaremos mostrar ao longo desse trabalho, é possível afirmar que não, o trabalhador imigrante está longe de poder exercer sua liberdade de escolha das suas condições de trabalho.

Além dos inúmeros fatores de precarização do trabalho (ANTUNES, 1995) que recaem mais pesadamente sobre a figura do imigrante global, é preciso considerar seu estatuto jurídico. O imigrante não é visto ou tratado como um trabalhador nacional, principalmente porque costuma estar desprovido de direitos básicos. Os direitos do imigrante são estipulados pelos Estados, que aplicam com suas normas e leis uma “seleção, de fundo racial, entre nacionalidades "boas" e “nacionalidades perigosas”, entre imigrantes "desejáveis" e "indesejáveis" (BASSO, 2015).

Dessa forma, é necessário apontar que, o racismo escancara-se cada vez mais por meio da atuação dos Estados, particularmente no Norte Global, como aponta Basso. Por isso, o conceito de “Racismo de Estado” contempla as análises deste estudo ao denominar e evidenciar a natureza institucional de um sistema de discriminação³ amparado por recursos burocráticos.

Basso (2015) conceitua o racismo de Estado como um tipo de racismo institucional, talvez o que mais determina a condição do imigrante. Seus escritos trazem diversos elementos para compreensão de que, na formulação das políticas migratórias pelos Estados, não há intenção de bloquear a imigração por completo - tendo em vista que o país receptor perderia o elemento vital de funcionamento de suas economias, a força de trabalho a baixo custo dos imigrantes -, mas sim de produzir uma imigração sem direitos.

O racismo de Estado é destinado a precarizar ao máximo a existência dos trabalhadores imigrantes e, concomitantemente, a inferiorizá-los no plano jurídico e simbólico, seja perante si mesmos, seja perante as populações e os trabalhadores nativos. (BASSO, 2015, p. 60.)

Portanto, o imigrante é alvo do racismo cada vez mais explícito e agressivo nas leis e atos administrativos, como apontamos nos parágrafos acima, que tem desdobramentos também no comportamento dos indivíduos e das sociedades, particularmente no que se refere à classe trabalhadora. A fragmentação desta última é construída por de cima - com a atuação dos Estados e também da mídia - pela criação de “falsos antagonismos entre imigrantes e nativos, em especial entre trabalhadores imigrantes e trabalhadores nativos” (BASSO, 2015, p. 60).

³ É necessário pensarmos que este é um racismo velado, chamado de Racismo Institucional. O Racismo Institucional fundamenta-se na discriminação amparada por recursos burocráticos. A discriminação é uma lógica de hierarquização, enraizada no antissemitismo e no racismo, que são construídos por meio de representações em relação ao Outro, sempre desvalorizando o grupo externo (Outro) em comparação ao grupo interno (Eu) (WIEVIORKA, 2007).

Basso (2015) conceitua Racismo de Estado, como um tipo específico de Racismo Institucional, talvez o que mais determine a condição do imigrante. É o Estado que formula as políticas migratórias, em que não há intenção de bloquear a imigração por completo - o país receptor perderia força de trabalho braçal -, mas sim de permitir uma imigração sem direitos.

2. O Brasil na rota da imigração Sul-Sul

A partir das discussões feitas na seção anterior, direcionaremos, a partir de agora, o olhar para o cenário brasileiro de dinâmicas migratórias. O país torna-se cada vez mais presente na rota das migrações internacionais, sendo um ponto estratégico no percurso de fluxos imigratórios, principalmente oriundos de países subdesenvolvidos. É necessário questionarmos o motivo e investigarmos como isso acontece, a fim de analisar o que é proposto nesta pesquisa.

Estima-se hoje que 1,5% estrangeiros estão no Brasil. Por muito tempo, os estudos sobre a imigração no Brasil focaram em migrações historicamente estabelecidas como, por exemplo, a imigração de italianos ou espanhóis, enquanto as análises sobre fluxos migratórios de países do Sul existiam de forma reduzida na academia. Contudo, nos últimos anos esse quadro mudou. O interesse acadêmico pelo assunto aumentou. Hoje existe uma rica base de estudos sobre os fluxos de migrações Sul-Sul no Brasil, assunto que aprofundaremos ao longo deste item para compreender o quadro temático desta pesquisa. Em particular os fluxos massivos de haitianos para o Brasil, a partir de 2011, foram determinantes para a multiplicação desses estudos.

Historicamente o Brasil incentivou a imigração de europeus após o fim do tráfico negreiro. Essa tentativa de branqueamento de sua população foi um projeto do Estado brasileiro, que associou a vinda de imigrantes europeus com o início da modernização do mercado de trabalho com a instauração do regime de trabalho livre. Essa concepção instalou-se no imaginário da população brasileira, que mantém até hoje a ideia do imigrante: branco e europeu, como aponta Villen (2015). Todavia, como dito acima, existe hoje uma mudança no perfil do imigrante do século XXI no Brasil, com especificidades que iremos discorrer ao longo deste item.

Nos últimos dados da OIM (2017), notamos a presença das tendências migratórias para a América do Sul e, principalmente, para o Brasil, país que tornou-se um forte receptor de imigrantes de origem do Sul Global, por exemplo: africanos e latino-americanos, conforme destaca Baeninger (2012):

Essas migrações compreendem diversas formas de mobilidade da população no território latino-americano e caribenho e derivam tanto de fatores econômicos quanto políticos [...], a permeabilidade das fronteiras que integram os países da América Latina, num contexto de integração econômica regional, vem contribuindo para a intensificação dos deslocamentos de população de tipo fronteiriços ou entre países limítrofes, com os deslocamentos transfronteiriços (BAENINGER, 2012, p. 10-11)

Sendo assim, é necessário compreender como o Brasil, país que não faz parte do eixo tradicional de imigração na contemporaneidade, tornou-se atrativo para imigrantes periféricos. Como dito no item anterior, as políticas migratórias restritivas e repressivas, baseadas no "racismo de Estado" estão muito atuantes nos países do Norte-global, sobretudo após a eclosão da crise mundial em 2007. Por meio de rígidas normas, esses países produzem a clandestinidade dos imigrantes (BASSO, 2013). Este é considerado um dos principais fatores que explicam por que o Brasil, país da América do Sul, torna-se um destino alternativo aos países ricos. Todavia, é importante pontuar que o "racismo de Estado" também se faz presente no Brasil, ele apenas está inserido em uma conjuntura diferente, pois como aponta Petean (2014), "o racismo se apresenta como um fenômeno transnacional e transcontinental".

Para além disso, o Brasil apresenta diversos fortes atrativos para os imigrantes periféricos. A "integração econômica regional", como destaca Baeninger (2012), é um exemplo. Desde a inserção do Brasil no grupo BRICS, denominados como países emergentes, o país destacou-se nas relações internacionais e, conseqüentemente, no mercado internacional, como apontam os autores Silva, Lima e Fernandes (2017). Também poderíamos mencionar o maior destaque ocupado pelo país em nível internacional em eventos como Olimpíadas ou Copa do Mundo. A imagem propagada de um país caloroso, receptivo, com uma população miscigenada, blindada de qualquer tipo de preconceito, também teve um importante papel na construção de um "*Brazilian Dream*".

Mas é preciso lembrar que, apesar desse momento favorável para sua economia e relações internacionais, a especialização produtiva nunca deixou de ser um traço presente do Brasil, ou seja, suas produções jamais deixaram de ser condicionadas a determinadas necessidades e demandas da dinâmica econômica de países ricos e hegemônicos. Cabe ressaltar que mesmo o Brasil sendo participante do BRICS e o país da América do Sul com maior Produto Interno Bruto (PIB), historicamente nunca deixou de ocupar um lugar submisso na divisão internacional do trabalho.

Assim como aponta Caio Prado Jr. (1976), essa questão diz respeito, sobretudo, à formação socioeconômica de base escravista do país, imbricada com a especialização produtiva de matérias primas e condicionada às necessidades e às demandas das dinâmicas econômicas dos países ricos e hegemônicos. Para além disso, a posição submissa do país no mercado mundial tem inúmeros reflexos para se considerar o lugar que a força de trabalho imigrante ocupou e ainda ocupa no Brasil. Se, no passado, essa formação iluminou o lugar privilegiado de inserção no mercado de trabalho do imigrante branco europeu em relação ao negro, como

foi apontado por Florestan Fernandes em “A integração do negro na sociedade de classes” (1978), hoje, também auxilia no entendimento de diversas dimensões das barreiras que os imigrantes do Sul Global enfrentam para estruturar a vida no Brasil, em particular a discriminação e o racismo que enfrentam no mercado de trabalho brasileiro.

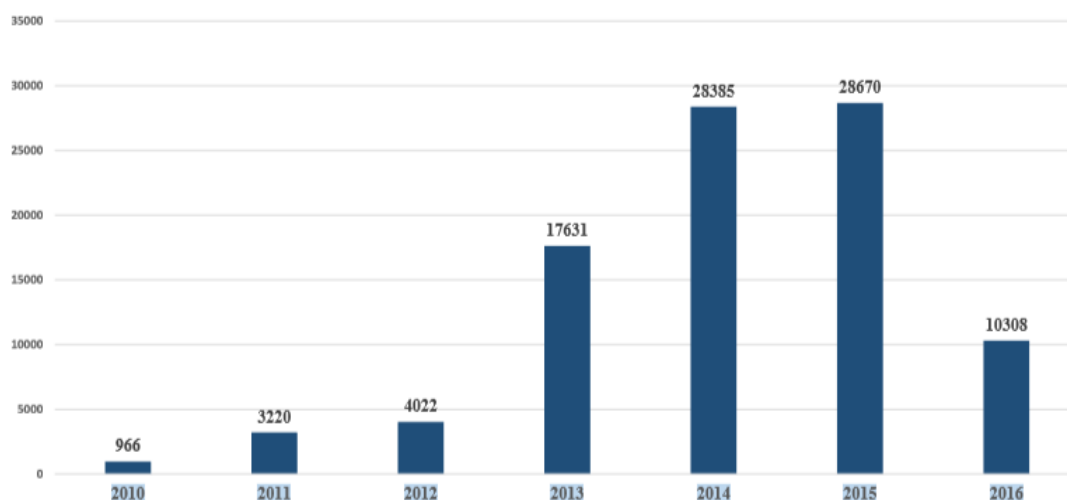
Diversos estudos produzidos sobre os fluxos recentes, provenientes do Sul Global para o Brasil, que investigam a ligação com as dinâmicas de funcionamento do mercado de trabalho nacional, mostram como há uma demanda por essa força de trabalho de imigrantes e refugiados por diferentes setores, como a indústria de carnes, a indústria têxtil, o trabalho domésticos (MAMED, 2015; MAGALHÃES, 2016; PEDROSA, SILVA, 2015; VILLEN, 2015). Essa demanda de trabalho é um dos fatores de atração de imigrantes e refugiados, pois possuem uma necessidade urgente de conseguir um trabalho, mesmo que este seja precário.

Além da condição vulnerável desse grupo social, há a burocracia para equivalência de qualificação dos diplomas de entidades educacionais estrangeiras. Muitos estudos mostram o aumento do nível de escolaridade de imigrantes e refugiados no Brasil (FERNANDES, CASTRO, 2014), porém também o rebaixamento de qualificação na hora de inserção no mercado de trabalho brasileiro.

De fato, esse rebaixamento laboral também se manifesta para os brasileiros, porém com uma carga redobrada para os imigrantes pois é funcional para o mercado de trabalho. Em “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral”, Fernandes e Castro apontam que “muitos daqueles que têm qualificação ou profissão não encontram trabalho na área para a qual têm habilidade e alguns exemplos citados foram as costureiras, enfermeiras (técnicas), dentre outras” (FERNANDES, CASTRO, 2014, p. 76).

Para a compreensão da presença dos fluxos do Sul Global no Brasil contemporâneo, também é necessário considerar os dados sobre refúgio, divulgados pela ACNUR. Calcula-se que, no ano de 2016, mais de 10 mil pessoas solicitaram refúgio no Brasil, como aponta o gráfico abaixo:

Figura 3 - Solicitações de refúgio por ano (2010-2016)



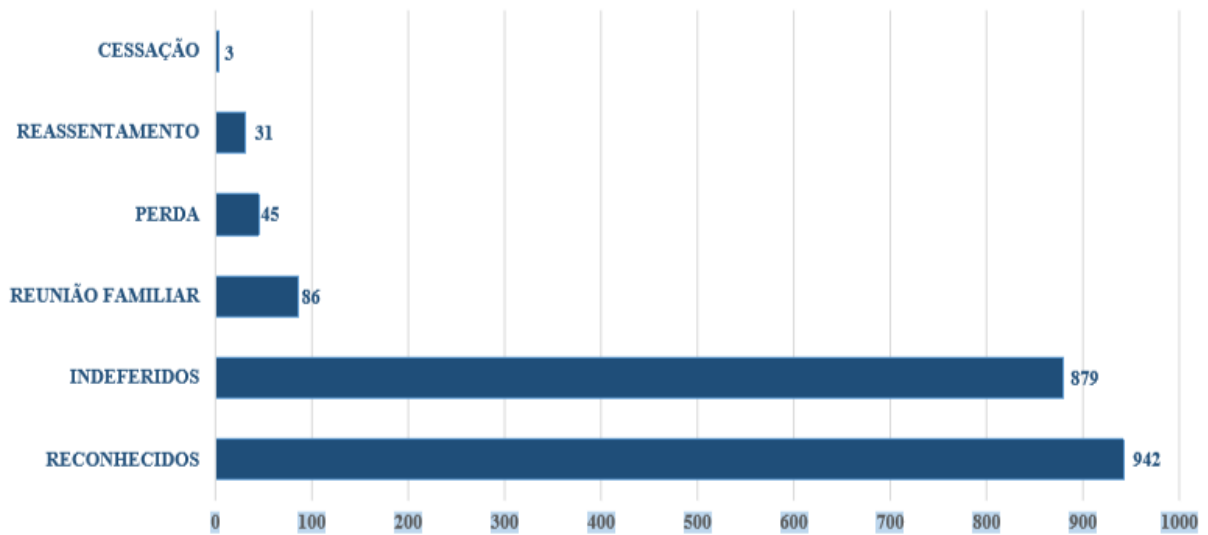
Fonte: “Refúgio em Números 2010-2016” - Dados da Secretaria Nacional de Justiça/Ministério da Justiça e Segurança Pública.

O número de solicitações de refúgio entre 2015 e 2016 diminuiu⁴ em 64%, porém continua sendo um índice alto, se considerarmos as estimativas das décadas mais recentes⁵. Ao compararmos o índice de solicitação de refúgio de 2016 com os casos julgados no mesmo ano (Figura 6), comprova-se que o parâmetro de seletividade do Estado brasileiro estimula a produção da clandestinidade, assim como países do eixo tradicional de imigração, já que apenas 942 das solicitações de refúgio foram deferidas.

⁴ O país encontra-se em instabilidade desde o golpe de 2015, após a reeleição da presidente Dilma Rousseff, 2014. Como aponta Uebel (2015), em 2014, acontece também “os reflexos se reverberaram em o que chamamos de ciclos de crises: crise política/ econômica/ labora/ social/ migratória”.

⁵ É necessário considerar que existe uma distância da realidade e dos dados oficiais. Isso é provado pelas estimativas de dados não-oficiais, que regularmente apresentam números maiores. Essa situação é explicada por diversos motivos, um deles é o medo do imigrante declarar-se como irregular e ser preso ou deportado.

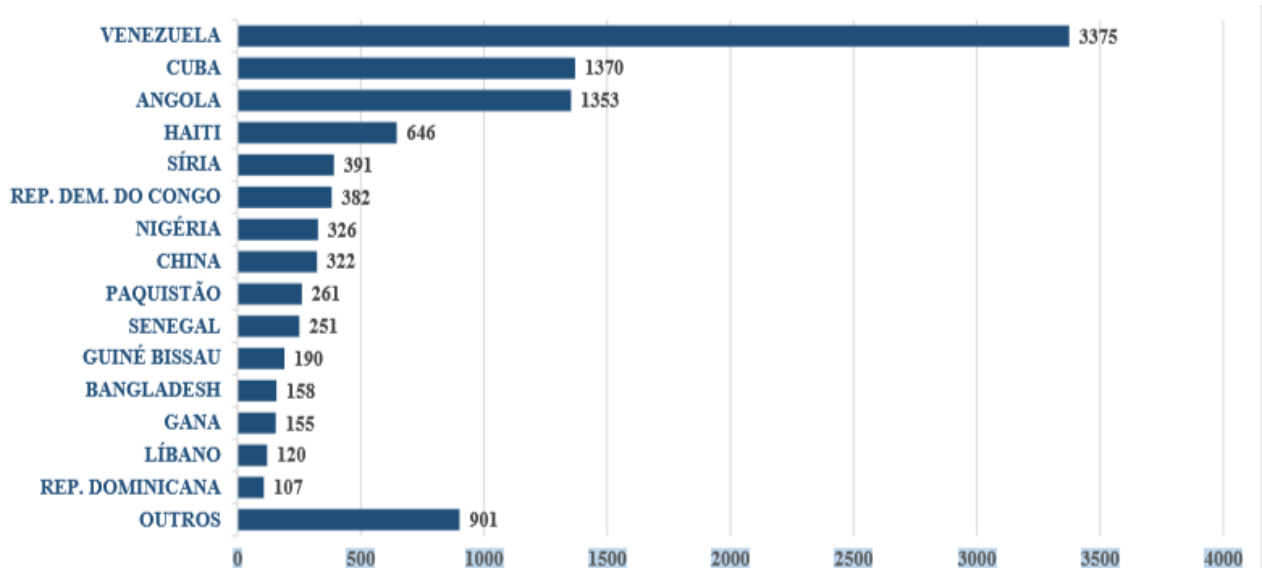
Figura 4 - Casos Julgados (2016)



Fonte: “Refúgio em Números 2010-2016” - Dados da Secretaria Nacional de Justiça/Ministério da Justiça e Segurança Pública

Esses mesmos dados divulgados pela ACNUR, apontam que em 2016, imigrantes de 95 países solicitaram refúgio no país, e os cinco países com maior solicitação de refúgio no mesmo ano são do Sul-global: Venezuela, Cuba, Angola, Haiti e Síria, como mostra a figura abaixo:

Figura 5: Solicitações de Refúgio por País (2016)



Fonte: “Refúgio em Números 2010-2016” - Dados da Secretaria Nacional de Justiça/Ministério da Justiça e Segurança Pública.

Por fim, é necessário ressaltar que, mesmo os números estatísticos de imigração e refúgio no Brasil não sendo tão altos como os países ricos do Norte global, isso não significa que os imigrantes e refugiados tenham maior facilidade em relação à regularização no país. Existem diversas barreiras burocráticas para a regularização, para o reconhecimento daquele imigrante. A falta de um canal regular de imigração por motivo de trabalho no país tem por consequência um tratamento emergencial da legislação⁶.

Essa questão se relaciona diretamente com o funcionamento do mercado de trabalho, uma vez que a rigidez do processo de documentação do imigrante o empurra para trabalhar em setores precarizados, como já mencionado. Uma vez que o trabalhador nacional é condicionado à essa situação devido à generalização da precariedade do trabalho no Brasil⁷, o imigrante também será, pois necessita do trabalho assalariado para desenvolver uma condição de vida melhor no país. A falta de regulamentação burocrática é a comprovação de que, mesmo que o mercado de trabalho demande essas vagas, não significa que a documentação dos imigrantes será facilitada. O Estado brasileiro continua tratando oficialmente esses imigrantes como indesejáveis (VILLEN, 2015).

⁶ Embora a nova Lei de Imigração (nº 13.445/2017) seja considerada avançada em muitos aspectos não possui a possibilidade do visto por motivo de trabalho para pessoas que não comprovem renda e qualificação. Ressalto que não foi o propósito desta monografia analisar a nova legislação, porém a partir da pesquisa de campo e de comentários de especialistas, fica evidente como a nova legislação não desburocratiza a entrada de imigrantes com perfil socioeconômico vulnerável.

⁷ Organizado por Ricardo Antunes, o terceiro volume do livro “Riqueza e miséria do Trabalho”, possui diversas pesquisas, que ilustram o mosaico da situação precária do trabalho no Brasil.

3. A imigração Haitiana no Brasil e os desafios na inserção laboral

Após o terremoto no Haiti, em 2010, o fluxo migratório de haitianos para o Brasil atingiu seu auge entre 2011 e 2014, e muitas análises têm sido produzidas desde então. As Ciências Sociais apresentam interpretações diversificadas⁸. É necessário que pensemos criticamente à respeito. O presente estudo fundamenta-se na tese de que o fenômeno migratório de haitianos para o Brasil não foi apenas consequência de um desastre ambiental. Assim como afirma Castles,

[...] os desastres de curta duração como os furacões, as secas, as cheias, os tremores de terra e os acidentes industriais podem ter importantes implicações políticas, não devido ao evento em si, mas às reações dos governos (CASTLES, 2005, p.168)

Em primeiro lugar, é necessário expor o que Sayad ensina sobre a condição social dos imigrantes que, no que se refere aos fluxos de massa - portanto mais representativos do fenômeno migratório -, reflete a uma condição de classe. Segundo Sayad,

Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração) como imigrante, continua sendo tratado como um trabalhador definido e provisório, ou seja, revogável a qualquer momento... Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho, porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele (SAYAD, 1998, p. 54-55).

E, além disso, também é necessário entender a posição que o país produtor de emigrantes ocupa na divisão internacional do trabalho. Uma vez que o Haiti é historicamente marcado por exploração colonial e governos ditatoriais, conseqüentemente sua população foi e continua afetada por instabilidade social, política e econômica. A independência do país aconteceu em 1804, porém, nos anos seguintes, a França cobrou da ex-colônia uma “dívida” para o reconhecimento da independência do Haiti, evitando o embargo mundial como punição. Somente, a partir da primeira ocupação militar norte-americana, em 1915, que a população

⁸ O livro *Imigração Haitiana no Brasil* (2016) reúne um compilado de trabalhos com espectros de diversas áreas como Sociologia, Demografia e Serviço Social, por exemplo.

forçadamente pagou o imposto. A burguesia haitiana não contribuiu para esse pagamento, pois estava aliada aos governos ditatoriais, que visavam pagar a França por meio de saques “legais” à produção cafeeira, como aponta Seguy (2014).

Sendo assim, mesmo após a independência do Haiti, a exploração internacional reverberou e, paralelamente, o país foi marcado violentamente por diversos governos ilegítimos. Em 1990, Jean-Bertrand Aristide era candidato presidencial e tinha como base o setor popular. Foi eleito em 1991 e sofreu um golpe militar no mesmo ano. Após exílio nos Estados Unidos da América e reinstalação no poder até 1996, volta a cena política no século XXI. Em 2001, elegeu-se e permaneceu no poder até 2004. Após perder apoio de sua base, o mandato de Aristide foi interrompido por forças internacionais, que justificaram a ação a fim de “evitar um conflito civil no país”, pois a população exigia a saída do presidente e eleições diretas.

Ainda no ano de 2004, a ONU instituiu a Força Multinacional Provisória (FMP) na capital do Haiti e em mais alguns pontos da ilha. Meses depois, a ONU desenvolveu a MINUSTAH (Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti), a fim de zelar pela segurança da população haitiana, e teve apoio das forças armadas de diversos países, incluindo a forte presença de militares brasileiros, entidades do terceiro setor e instituições religiosas brasileiras.

A missão de paz proposta pela entidade internacional pouco tem de pacífica. Como aponta Mamed (2015), o discurso de ajuda humanitária camuflava o desenvolvimento de um projeto neoliberal no país. A partir da MINUSTAH foi instalado no Haiti serviços de segurança internacional, a fim de cooperar com um governo ilegítimo aos olhos do povo, e possibilitar condições de atuação privada. Segundo Seguy,

“O próprio presidente atual [na época, Michel Martelly] disse numa entrevista a uma mídia francesa que o seu governo goza de vida tranquila por duas razões: 1- A ONU e a comunidade internacional estão satisfeitas com o desempenho do governo; 2- Devido à presença da Minustah no país, a oposição não tem como derrotá-lo em possível golpe de Estado. Não são essas afirmações elementos para corroborar a ideia de que o Haiti hoje é uma colônia, não de outro país só, mas do capital transnacional?” (SEGUY, 2014, p. 29)

Em 2014, o Senado haitiano já havia recomendado em uma resolução unificada o fim da MINUSTAH. Nesse mesmo ano, marcava-se uma década de comando brasileiro na missão. Em maio, o senador haitiano Jean Charles Moise veio ao Brasil para solicitar apoio na aplicação dessa medida, e declarou na Rádio Senado:

A presença das tropas da Minustah no Haiti não quer dizer nada para os haitianos. Ao contrário, a cada vez que o povo se mobiliza contra a corrupção, contra a má governança, contra a fraude, a Minustah é usada para reprimir a população. É por isso que nós pedimos a retirada das tropas. O Haiti deve ser um país livre, e a presença da Minustah ataca o espírito da soberania do país. (MOISE, Jean Charles, Radio Senado, 2014)

Somente em 2017, o Conselho de Segurança da ONU decidiu encerrar as atividades da MINUSTAH. Entretanto, outra missão foi instituída logo em seguida, a MINUSJUSTH (Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti). O apoio do Brasil permanece, de acordo com uma declaração do Itamaraty. O foco desta é o “apoio ao diálogo político e ao fortalecimento da Polícia Nacional do Haiti, das instituições judiciais e penais e da situação de direitos humanos” (ONU, 2017) e pretende ser encerrada em abril de 2018.

Apesar das inúmeras denúncias de abusos e pedidos para o fim da MINUSTAH, é fato que a presença de brasileiros estreitou a relação com o país caribenho. Como apontam, Baeninger e Magalhães (2016), o fato das forças armadas brasileiras, entidades religiosas e do terceiro setor estarem no país durante aqueles anos, apresentou a imagem de um “Brasil potência” para os haitianos que estavam “sem perspectiva de reprodução social de sua existência no país”.

A relação entre os países é recente, e fundamentada em um sub imperialismo (MARINI, 2012) que condiciona e desenvolve um estímulo para dinâmica migratória para o Brasil. Sendo assim, podemos afirmar que por meio da MINUSTAH, a posição sub imperialista do Brasil⁹ foi reforçada, conseqüentemente, essa presença estrangeira inseriu no imaginário dos habitantes locais, a possibilidade de um projeto migratório (SASSEN, 1988).

A partir desse projeto migratório, inicia-se a jornada até o Brasil. As rotas migratórias são diversas (PATARRA; FERNANDES, 2011; SILVA, 2013) e alternam-se ao decorrer dos anos. A trajetória mais comum entre os imigrantes haitianos é: partir da capital, Porto Príncipe, e por via aérea percorrer pela Cidade do Panamá até Quito, no Equador, ou Lima no Peru. Entrando finalmente no Brasil pelas cidades de Tabatinga (AM), Assis Brasil (AC) ou Brasília (AC), de acordo com Fernandes e Faria (2016).

⁹ “A economia brasileira impulsionou-se para o exterior, a fim de compensar a incapacidade do país de ampliar o mercado interno, por meio da conquista de mercados já estabelecidos na América Latina, aponta Marini (2012). Sendo assim, empresas brasileiras instalaram-se no mercado local do Haiti, principalmente empreiteiras e grandes construtoras brasileiras” (BAENINGER; MAGALHÃES, 2016, p.240)

Mapa 1: Principais rotas migratórias dos haitianos para o Brasil



Fonte: FARIA, Andressa Virgínia de. A diáspora haitiana para o Brasil: o novo fluxo migratório (2010-2012). 2013.

Após o longo trajeto até o Brasil, os haitianos precisam enfrentar um processo de regularização migratória. O primeiro passo é dado por meio da solicitação de refúgio na Polícia Federal. Esse protocolo permite ao migrante a emissão do Cadastro de Pessoa Física (CPF) e a carteira de trabalho, enquanto a solicitação de refúgio é analisada pelo CNIg.

Esse movimento foi realizado em massa entre 2010 e 2011, até que em 2012, o Brasil e o Peru fecharam fronteiras e decretaram obrigatório o visto para haitianos, justificando a ação pelo combate à forma precária da imigração haitiana no Brasil. Dessa forma, o governo brasileiro, por meio do Conare, estabeleceu pela Resolução Normativa nº 97 do CNIg, o visto permanente (com duração de 5 anos) aos imigrantes haitianos, por razões humanitárias devido ao terremoto.

Mesmo que essa medida tenha sido significativa, o fundamento jurídico ocorreu apenas pelo enquadramento do terremoto como motivo de migração. Isso é uma forma de despolitização dos índices de pobreza e das marcas violentas de conflitos políticos e intervenções internacionais.

A resolução estipulou um limite de número de vistos a serem concedidos: 1200 por ano, e um prazo de validade (5 anos). Essas formas de conter o fluxo migratório de haitianos fracassou. Em 2013, o Estado brasileiro extinguiu o número limite de concessão de vistos humanitários, a fim de combater de fato os fluxos clandestinos e desenvolver uma migração legalizada. Todavia, a burocracia no atendimento e na emissão de vistos pela embaixada permanece, mantendo as maneiras clandestinas de ingresso e permanência no Brasil.

O esforço do Estado brasileiro para facilitar a documentação da carteira de trabalho para o imigrante haitiano tem como objetivo ampliar sua inserção laboral no mercado formal. Todavia, a situação irregular do imigrante é uma realidade, e a necessidade de conseguir um trabalho é o que prevalece, mesmo que isso implique o trabalho no setor informal e de forma indocumentada.

Podemos mapear razoavelmente alguns dos principais setores formais e informais que empregam haitianos no Brasil. Embora esses imigrantes entrem pela região Norte do país, tendem a se dirigir ao Sul, Sudeste e Centro-Oeste, como aponta a socióloga Letícia Mamed (2015). A autora traça as características da inserção de haitianos como força de trabalho na produção da agroindústria da carne brasileira. Da mesma forma, Lorena Salette Barbosa (2015) identifica, na mesma região, imigrantes haitianos ocupando postos nos setores da construção civil, da metalurgia e da indústria alimentícia.

Os estudos de campo de Duval Fernandes e Maria da Consolação Castro (2014), em cidades de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e em São Paulo, apontam que haitianos exercem atividades laborais na construção civil, no setor de indústria alimentícia, em serviços gerais e no comércio. Além do fato de que 26,2% dos pesquisados estavam desempregados no momento, 66,8% declararam que o trabalho exercido no Brasil não era compatível com suas habilitações.

A relevância desses dados aponta uma situação enfrentada pelos haitianos (e em geral pelos imigrantes e refugiados de países Sul) no mercado de trabalho brasileiro e, na verdade, se comunica com o contexto mais amplo de funcionamento do mercado de trabalho. Conforme foi discutido anteriormente, o racismo de Estado predominante nos países do Norte Global também

está presente no Brasil e se reflete nos setores mais precários, menos remunerados, com trabalho mais pesado, contratos mais flexíveis, aos quais o imigrante é direcionado. Como afirma Basso;

"Muito frequentemente, esses trabalhadores recebem menos do que deveriam receber pelo contrato, dentre outras causas porque a qualificação que lhes é atribuída quase nunca corresponde a suas reais competências; isso ocorre sobretudo em pequenas empresas, que afinal são as que mais recorrem aos imigrantes. Cabem a eles, em geral, as tarefas mais duras, perigosas e insalubres..." (BASSO, 2013, p. 33)

Sendo assim, o imigrante periférico, no caso o haitiano, enfrenta uma dificuldade para o reconhecimento de sua qualificação profissional. Esse é um fator que não explica por si só o fenômeno do rebaixamento das qualificações, porém também é importante para o entendimento do direcionamento desses imigrantes para atividades secundárias, com baixas qualificação e remuneração, ou seja, o trabalho precarizado.

4. O Haiti está aqui: a presença de imigrantes haitianos em Uberlândia

A presença de haitianos no estado de Minas Gerais começa se constituir logo após o início da imigração haitiana para o Brasil, entre 2011 e começo de 2012. Nesta seção, direcionamos o olhar para o recorte privilegiado desta pesquisa. A partir do estudo de campo, de questionários semi-abertos, entrevistas, e a análise de um levantamento de dados, faremos a interpretação e compreensão de diversos aspectos observados, enfatizando três questões: por que os haitianos escolhem Uberlândia, se este é um circuito que continua acontecendo, a forma de inserção laboral e sua situação de vida na cidade, que refletem tendências mais gerais sobre a condição desse grupo social no país.

No “Diagnóstico sobre Migração e Refúgio em Minas Gerais” (2018), realizado pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos, foi levantado um número aproximado de 5.840 imigrantes registrados em Minas Gerais, independente da nacionalidade ou Estado que ingressaram no Brasil. De acordo com esse mesmo levantamento, a República do Haiti lidera entre os dez países com maior número de residentes no estado de Minas Gerais em 2014, como podemos observar na Tabela 1. Representam, portanto, 11,3% ou 661 pessoas registradas em 2014.

Tabela 1: 10 países com maior número de residentes em MG no ano de 2014

País	(N)	(%)
República do Haiti	661	11,3
Colômbia	479	8,2
Portugal	418	7,2
República Popular da China	415	7,1
Itália	410	7,0
Estados Unidos da América	342	5,9
Argentina	234	4,0
Alemanha	219	3,8
França	212	3,6
Peru	179	3,1
Total	5.840	100

Fonte: Elaborado por UNILIVRECOOP com dados extraídos de (BRASIL, 2016c)

Em relação aos “10 países com maior número de trabalhadores em Minas Gerais no ano de 2015”, a tabela a seguir, aponta por meio de números estatísticos — baseados em uma situação específica: haitianos documentados, admitidos por empresas, a partir da base de dados do CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados —, que o Haiti lidera o ranking mais uma vez.

Tabela 2: 10 países com maior número de trabalhadores em Minas Gerais no ano de 2015

País	(N)
República do Haiti	1.480
Portugal	219
Itália	89
Argentina	88
Bolívia	75
Síria	67
Colômbia	50
Senegal	49
Peru	46
Espanha	38

Fonte: Elaborado por UNILIVRECOOP com dados extraídos de (BRASIL, 2016b)

Dado este panorama, observamos que o Estado de Minas Gerais tem sido um destino atrativo para trabalhadores haitianos. Os quatro haitianos entrevistados chegaram em Uberlândia entre 2015 e início de 2018, e quando questionados por que vieram para a cidade, e se já conheciam alguém que estava aqui, a resposta unânime recebida foi: “para trabalhar”. Além do fato de que todos responderam que já conheciam alguém que morava em Uberlândia, seja um membro da família ou algum conhecido. Conforme destaca Villen,

“Baeninger (2013) chama atenção ao fato de que a destinação desses imigrantes muitas vezes é viabilizada pelas redes e atualmente não está somente circunscrita à cidade de São Paulo, como tendia a ocorrer nas últimas décadas.” (VILLEN, 2015, p.123)

Existem os casos dos imigrantes haitianos que entraram no Brasil por outros Estados, como Mi., que tem 23 anos, e contou que chegou no Brasil em outubro de 2017, na cidade de Curitiba – PR, até que em fevereiro de 2018 mudou-se para Uberlândia porque aqui “Conhecia amigos, e tinha mais oportunidades de trabalho”.

S. também não chegou no Brasil diretamente por Uberlândia, onde trabalha como auxiliar de serviços gerais em Uberlândia. Com 32 anos, veio para o Brasil no final de 2014

pelo Acre, depois foi para a capital do Estado de São Paulo, até que um colega haitiano que morava em Uberlândia trouxe ele e outros haitianos para cá.

Situações como essas ocorrem simultaneamente ao fato de que Uberlândia já mostra ser o destino principal de muitos haitianos, como aponta a Tabela 3. Por meio do controle de local de solicitação de refúgio, podemos analisar que outras cidades mineiras, fora do eixo comum da rota de imigração haitiana, começam a aparecer como destinos. Uberlândia e Uberaba juntas somam 36% das solicitações de refúgio no Estado de Minas Gerais.

Tabela 3: Estrangeiros segundo Local de Solicitação de Refúgio - CONARE - Minas Gerais

Local de solicitação	(N)	(%)
Belo Horizonte	95	51,9
Divinópolis	11	6,0
Governador Valadares	02	1,1
Juiz de Fora	06	3,3
Uberaba	28	15,3
Uberlândia	39	21,3
Varginha	02	1,1
Total	183	100,0

Fonte: Elaborado por UNILIVRECOOP com dados extraídos de (BRASIL, 2016a)

A Tabela 4 aponta que Uberlândia é a terceira cidade com maior número de imigrantes de Minas Gerais, ficando atrás apenas de cidades da região metropolitana de Belo Horizonte, Belo Horizonte e Contagem. Esse dado corresponde a uma observação geral de quem vivencia o espaço diurno e noturno do bairro Centro, em Uberlândia. É comum encontrarmos nas principais avenidas, lojas de variedades – com produtos que vão de eletrônicos a cosméticos –, que pertencem a migrantes asiáticos. Do lado de fora, nas calçadas, senegaleses vendem em suas banquinhas de camelô, óculos de sol e acessórios variados. Enquanto isso, a comunidade árabe se expande por meio de restaurantes e pequenas lanchonetes. Entretanto, os haitianos encontram-se em diferentes espaços laborais e regiões da cidade mais invisibilizados, como iremos expor ao decorrer desta seção.

Tabela 4: 10 Municípios com maior número de imigrantes

Município	(N)	(%)
Belo Horizonte	2.023	36,9
Contagem	436	8,0
Uberlândia	318	5,8
Juiz de Fora	245	4,5
Pouso Alegre	244	4,5
Viçosa	234	4,3
Esmeraldas	172	3,1
Nova Lima	131	2,4
Poços de Caldas	109	2
Betim	108	2
Total	5.480	100

Fonte: Elaborado por UNILIVRECOOP com dados extraídos de (BRASIL, 2016c)

Não podemos deixar de ressaltar o fato de que esses números estatísticos correspondem apenas aos imigrantes documentados, ou seja, imigrantes que possuem visto permanente, temporário ou de outro tipo. É essencial em uma pesquisa sobre imigração – especialmente sobre os fluxos Sul-Sul, como a imigração haitiana –, apontar a existência dos imigrantes indocumentados que ficam à margem dessas estatísticas oficiais, pois,

Há sempre uma distância, que pode ser até mesmo muito acentuada, entre os números oficiais da imigração e as estimativas mais próximas da realidade [...], que sem nenhuma dúvida atinge principalmente a contagem de imigrantes provenientes de países periféricos. Por exemplo, a presença [no Brasil] regularizada de haitianos é estimada em cerca de 14.000 imigrantes (Ministério do Trabalho e Emprego, 2014), enquanto dados não oficiais divulgados na imprensa apontam a presença no país de 20.000 a 40.000 haitianos. (VILLEN, 2015, p. 122)

Apesar de nenhum haitiano ter respondido nos questionários ou nas entrevistas, que está em situação indocumentada em Uberlândia, a questão da indocumentação se fez presente em dois momentos durante a observação-participante do estudo de campo desta pesquisa.

O trabalho de campo, parte da metodologia desta pesquisa, aconteceu por meio do acompanhamento de três meses nas aulas do Projeto Nidus, da ONG Enactus UFU, voltado ao ensino da língua portuguesa para imigrantes, das quais atualmente só participam haitianos.

Em março, as aulas aconteceram nas segundas-feiras e quartas-feiras, e nos outros meses nas segundas-feiras e terças-feiras, no período das 19h30 às 21h30, em uma sala no térreo da E.E João Rezende, no Custódio Pereira, bairro periférico de Uberlândia, em que vive uma parcela da população haitiana na cidade.

No primeiro dia, 19 de março de 2018, dois episódios me chamaram a atenção. O primeiro, em relação à uma simbologia histórico-social, e outra situação, em que emergiram sinais dos efeitos que a indocumentação (ou o receio da indocumentação) provocam nos imigrantes.

Cheguei na escola e permaneci na entrada, perto do portão. Logo em seguida, as voluntárias chegaram. Nós entramos, e no pátio estavam esperando duas mulheres, e dois homens. Após o funcionário da escola abrir a porta da sala, os haitianos e haitianas entraram na pequena sala de aula. Eu entrei por último e observei na porta, uma placa antiga: “Sala de Práticas Agrícolas - 37”.

É necessário fazer a reflexão de como esse detalhe, na verdade, representa uma questão simbólica. Trata-se de uma ressignificação, a reocupação de um espaço na cidade pelos imigrantes haitianos.

Este fato aponta uma transformação, ao mesmo tempo que essa placa na sala de aula representa o impacto histórico da economia do agronegócio na cidade de Uberlândia e no país, de enorme importância para a compreensão da posição ocupada pelo Brasil na divisão internacional do trabalho. Todavia, essa ressignificação do espaço da sala de aula, agora ocupada pelos haitianos, mostra que a fase atual da divisão internacional do trabalho agora está relacionada também com a chegada de imigrantes do Sul-Global no Brasil, no caso os haitianos. Esses símbolos representam essa continuidade histórica e social da imigração no país, mas também colocam desafios para compreensão de diversas transformações importantes que devemos analisar.

Nesse mesmo dia, uma voluntária se apresentava para os que chegavam, perguntava seus nomes, e a há quanto tempo estavam aqui. Em um determinado momento, haviam cerca de 20 haitianos na sala de aula. Um deles, V., disse seu nome, e que tinha chegado ao Brasil na semana anterior. Observei-o por um tempo, e vi que segurava debaixo do caderno um papel com algum símbolo federativo. No decorrer da aula, V. guardou esse papel em um envelope na mochila. Pensei comigo mesma, por que ele tinha levado aquele papel para a aula, será que ele anda com isso na mochila? Será que pensou que alguma das voluntárias iria checar sua documentação?

Certamente, o medo da caça a imigrantes indocumentados é algo presente na vida desse grupo social, e é ainda maior quando estamos falando de imigrantes negros, como no caso dos haitianos.

Durante os três meses que estive presente nas aulas, sempre sentei-me nas carteiras do lado deles, e nunca ouvi que tinham sofrido algum tipo de violência física ou verbal. Pelo menos não que eles tenham falado em português. Em geral, eles falavam em português somente quando precisavam se comunicar comigo, ou com as professoras voluntárias, mas entre eles se comunicavam em crioulo ou francês. No período de entrevistas e aplicação de questionários, a resposta foi negativa em relação ao preconceito racial.

Esse é um resultado comum nas pesquisas com imigrantes negros, como os haitianos. Existem diversos fatores psicológicos e psicossociais que afetam as respostas dos imigrantes e refugiados. Baeninger e Simai (2011) falam da negação do racismo para explicar a atuação do racismo no Brasil para este grupo social. Por isso compreender o preconceito no processo de uma pesquisa é nebuloso, e sobretudo, doloroso para aquela pessoa que vivencia essa realidade (GOMES, 2017).

O segundo episódio em que notei a presença da questão da indocumentação foi em um momento de aplicação do questionário. A pergunta era “Como conseguiu o visto?”. J.Y., por ter chegado ao Brasil em fevereiro de 2018, ainda sentia dificuldades para falar e ler em português. Quando entendeu que minha pergunta era sobre o visto, de prontidão pegou seu passaporte e mostrou o visto brasileiro. Eu respondi que não queria confiscar sua documentação, mas entender se ele conseguiu o visto aqui no Brasil, ou ainda no Haiti. Ele respondeu que conseguiu o visto na embaixada brasileira no Haiti, e gastou cerca de quatro mil reais para obtê-lo, um alto preço em relação ao custo de vida no país caribenho.

Hoje¹⁰, o salário mínimo no Haiti é 350 gourdes (5 dólares) por dia, ou seja, no mês um trabalhador haitiano registrado ganha 150 dólares, ou 550 reais. Ao compararmos com o Brasil, a discrepância é nítida. O salário mínimo no Brasil para o trabalhador registrado, hoje é 937 reais, cerca de 254 dólares. Mesmo com o baixo salário, os haitianos entrevistados responderam em maioria que estavam satisfeitos com o emprego no Haiti, um deles respondeu que exercia a atividade de eletricitista, e ganhava muito dinheiro.

Com relação à pergunta: “Você está satisfeito com o trabalho que exerce atualmente? O salário permite uma condição satisfatória de vida no Brasil?”, a maioria (75%) respondeu que não está satisfeito com o trabalho que exerce atualmente, e que o trabalho é muito pesado em relação ao salário que é recebido. Este foi um relato comum entre eles.

¹⁰ Os valores nas moedas: dólar, gourde e real foram apresentados de acordo com a cotação no dia 28 de maio de 2018.

Durante o período de observação em campo, notei que a profissão mais comum entre os homens haitianos é a construção civil, as poucas mulheres que frequentaram as aulas – cerca de quatro – tinham profissões diferentes: uma trabalha em um frigorífico, outra é costureira e outra é agricultora.

Em outra aula, o tema foi sobre trabalho. Uma das voluntárias escreveu no quadro: “Profissões”. Um rapaz pergunta o que significa, e ela responde “Trabalho!”. Outras voluntárias distribuíram as folhas da atividade, e eu reparei as imagens em preto e branco que ilustravam cada tipo trabalho: “médico, enfermeiro, advogado...”, em sua maioria trabalhos qualificados. Quando foram ensinar a pronúncia da palavra “estudante”, uma das voluntárias é questionada por outro rapaz: “Estudante é trabalho?”, ele recebe um positivo como resposta, pois “quando preenchemos uma ficha de cadastro, estudante é lido como profissão”. O haitiano não pareceu compreender e falou baixinho: “Mas trabalho é o que você tem que fazer para sobreviver”.

O fato do haitiano interpretar o trabalho como fator ligado à sobrevivência pode ser compreendido por meio de duas questões que estão relacionadas: 1) a posição de classe que possui; 2) da nova relação de trabalho que o capitalismo instituiu. A relação com o trabalho para o indivíduo na sociedade capitalista está posto como uma condição imbricada com a existência, é uma questão ontológica e histórica. Após o fim da escravidão no século XIX, começou um novo tipo de exploração fundamentada na ideia do trabalhador livre. Sendo assim, o trabalho sob domínio do capital passou a ser uma forma dominante de firmar os processos de alienação e exploração (ANTUNES, 1995).

Assim como foi explorado nos itens anteriores, os haitianos são imigrantes que foram forçados a migrar. Os imigrantes são expulsos (SASSEN, 2016) diariamente, devido aos contextos de seus países de origem, em relação às questões econômicas, sociais e políticas. O sistema capitalista desenvolve a movimentação, estimula os fluxos de milhares de pessoas, no mundo inteiro, que buscam melhores condições de vida, e serão força de trabalho formal, e principalmente informal em outro país.

Nesse mesmo dia, aconteceu uma situação em que o trabalho informal foi abordado. Como dito anteriormente, na folha de atividades com o tema “profissões” havia um exercício com um quadro ilustrando em sua maioria, trabalhos qualificados. No final desse quadro havia a palavra “camelô”. Uma das voluntárias que estava lecionando a aula olhou para a outra e disse “aqui tem ‘camelô’”, acho que não precisa (ensinar) né?”. A outra responde que não sabe, que acha que pode ensinar. Até que uma delas olha para mim e eu respondo “Fala sim!”. Vi naquele

momento uma oportunidade de intervir, e descobrir se aquele trabalho faz parte da realidade dos haitianos, tanto quanto dos ambulantes senegaleses em Uberlândia.

Logo em seguida, é ensinada a pronúncia da palavra “camelô”, mas a ilustração impressa estava difícil de identificar. Logo, as voluntárias tentam explicar, em português, mas não obtêm sucesso, até que um deles, já com o português avançado, explica para os outros em crioulo. Acrescentei que o camelô é como um vendedor, mas que trabalha expondo seus produtos na rua. O mesmo homem que explicou em crioulo complementa: “e se passa a polícia você tem que correr!”. Eu respondi que isso acontece porque é um trabalho informal, não regularizado como o de vendedor em uma loja. Perguntei se algum deles era camelô e tive a negativa como resposta.

Na Tabela 2, no início do texto, mostra dados da base do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Dentre os imigrantes trabalhadores que ocupam postos nos trabalhos formais, dentro das normas da CLT, a República do Haiti representa 56% do total de admissões em Minas. Isso aponta dois aspectos importantes: os haitianos estão sendo uma forte força de trabalho imigrante, e é uma característica presente dos haitianos exercerem trabalhos formais. Lembrando que o trabalho formal pode ser um trabalho não-qualificado.

O quadro apontado por esse estudo, realizado pelo próprio governo de Minas Gerais, não aborda a situação de crise econômica, política e social que acontece no país. A atmosfera dos últimos anos é de perda de direitos trabalhistas. Ao mesmo tempo a nova Lei de Imigração (nº 13.445/2017) apresenta mudanças em relação ao Estatuto do Estrangeiro (Lei nº6815/80). Como apontam Baeninger e Peres (2017), na verdade, trata-se “de uma decisão política brasileira a permanência de haitianos e haitianas no Brasil com o visto humanitário”. A nova Lei não inclui a possibilidade de visto por motivo de trabalho sem comprovação de renda ou qualificação, além de existir um panorama preocupante de desemprego no país.

Ao observarmos os dados do “Relatório Anual 2017 - A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro”, realizada pelo OBMigra - Observatório das Migrações Internacionais, temos que no ano de 2016, 1.160 haitianos foram admitidos em Minas Gerais, em postos de trabalho formal, ao mesmo tempo que foram demitidos 1.424. Apesar de estatisticamente a somatória desses números ser considerada com saldo positivo, é necessário a reflexão de que é um número alto de pessoas demitidas. Essa questão ficou explícita na pesquisa de campo: dois dos quatro haitianos responderam no questionário que a condição de imigrante é desfavorável em relação ao mercado de trabalho.

Na Tabela 5, podemos observar as admissões e demissões por setor econômico no Brasil, que além de demonstrar um déficit preocupante de desemprego, correspondem ao que foi observado na pesquisa aqui presente. A observação-participante no período de trabalho de campo, assim como nas entrevistas e questionários, apontaram que os setores em que os haitianos em Uberlândia mais trabalham são: construção civil, abate de carnes (aves, suínos e bovinos), limpeza, e comércio varejista, por exemplo.

Tabela 5: Principais atividades econômicas que mais admitiram e demitiram haitianos, Brasil, 2016

Atividade econômica	2016 Movimentação
Admissões	
Construção de edifícios	1.823
Restaurantes e similares	1.103
Abate de aves	1.098
Frigorífico - abate de suínos	812
Limpeza em prédios e em domicílios	530
Cultivo de maçã	414
Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares	411
Frigorífico - abate de bovinos	322
Incorporação de empreendimentos imobiliários	321
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - supermercados	306
Demissões	
Construção de edifícios	2.871
Abate de aves	2.358
Restaurantes e similares	1.547
Frigorífico - abate de suínos	1.095
Limpeza em prédios e em domicílios	646
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - supermercados	484
Lanchonetes, casas de chá, de sucos e similares	481
Incorporação de empreendimentos imobiliários	465
Cultivo de maçã	384
Construção de rodovias e ferrovias	379

Fonte: Ministério do Trabalho, CTPS-CAGED, 2016.

Quando questionados como conseguiram trabalho na cidade de Uberlândia, a maioria dos haitianos respondeu que foi através de algum colega ou amigo.

Sobre a questão “Encontrou situações desfavoráveis para inserção no mercado de trabalho brasileiro? Caso sim, qual o motivo da aceitação de condições de trabalho e remuneração desvantajosas no Brasil”, S. responde que “Sim, não tem jeito, tenho que aceitar porque tenho um filho, e tenho contas para pagar”. S. é auxiliar geral em um supermercado, com carteira assinada, trabalha 8 horas por dia e recebe um salário de mil reais. Ele comenta que o salário é pouco em relação aos custos que tem para se manter em Uberlândia. Portanto, além de ter que arcar com os custos para manutenção de vida no Brasil, esse imigrante também

se sente fortemente comprometido com o envio de remessas para os familiares no país de origem.

Isso dialoga com os relatos de M. e J.Y, que vieram diretamente para Uberlândia, e hoje trabalham ajudantes de pedreiro, na construção civil. J.Y conta como acontece sua intensa jornada de trabalho. O haitiano de 23 anos, acorda às 5 horas da manhã, entra no trabalho às 6 horas e sai às 18h da tarde. Nas segundas e terças, às 19h30 frequenta as aulas de português, e é o único momento em que treina a língua. No seu trabalho ele é o único haitiano, e passa o dia em silêncio, pois não conseguiu fazer amizade com os colegas brasileiros.

Além do fato de Uberlândia ser uma cidade metropolitana com sedes de grandes empresas, apesar da crise o setor da construção civil continua, como mostra o último levantamento do CAGED¹¹. O conjunto dos fatores apontados ao longo deste trabalho, relacionados ao mercado de trabalho uberlandense, é de forma geral, atraente para os imigrantes haitianos.

Entretanto, existem diversos aspectos que dificultam a entrada e permanência dos haitianos em Uberlândia. Como foi apontado nas seções anteriores, a produção da indocumentação (BASSO, 2013) existe, e o fato de que houveram muitas solicitações de refúgio em Uberlândia e Uberaba, não significa que todas foram deferidas. É necessário atentar que as estatísticas apontam um norte das situações, mas não retrata a realidade por inteiro. O fato do mercado de trabalho uberlandense ser atraente para os haitianos não significa, obrigatoriamente, que os haitianos só ocupam empregos formais. Para além disso, assim como outros trabalhadores brasileiros, eles estão sujeitos a serem demitidos a qualquer momento, uma vez que o país situa-se em um contexto de crise aguda, com mais de 13 milhões de desempregados¹².

Nesta pesquisa foi diagnosticado que os imigrantes haitianos na cidade de Uberlândia costumam morar em bairros periféricos como o Custódio Pereira, Planalto, Tocantins e uma parte do bairro Tibery. Na fase de finalização da pesquisa, foram descobertas pela AJESIR UFU (Assistência Jurídica para Estrangeiros em Situação Irregular ou de Risco da UFU), mais de vinte e seis famílias morando no Assentamento Fidel Castro, em situação de total de desamparo, sem acesso a alimentos ou roupas de frio.

Paralelamente, o serviço social e as políticas públicas do município de Uberlândia mostram-se insuficientes para agir na situação precária de vida e de trabalho dos imigrantes haitianos. A escassez de dados oficiais atualizados do município de quantos haitianos estão na

¹¹ Em abril de 2018, o setor de construção civil em Uberlândia-MG fechou o mês com o saldo de empregos positivo (146). Portanto, é atualmente o setor que mais emprega na cidade.

¹² Número correspondente ao ano de 2018, de acordo com dados do IBGE.

cidade, onde moram, como vivem, dificulta possíveis melhorias para essas pessoas. A última vez que o município se pronunciou a respeito foi em 2015, alegando ter 200 haitianos na cidade, e apenas 18 cadastrados no CRAS (Centro de referência de Assistência Social). Em relação à legislação, Uberlândia possui apenas uma lei destinada diretamente aos imigrantes que é a lei nº 12.649, de 17 de abril de 2017, que “dispõe sobre o núcleo de proteção social à população de rua e migrante”.

A omissão da atuação pública para com os haitianos acaba por ser substituída pelo trabalho de entidades do terceiro setor, como as ONGs Enactus e TAARE - Trabalho de Apoio e Assistência aos Refugiados Estrangeiros, e entidades religiosas como o SEMAP - Serviço de Missões aos Povos, ligado à Igreja Assembleia de Deus - Missão aos Povos, ou projetos de extensão como a AJESIR (UFU).

Durante o trabalho de campo desta pesquisa, entrei em contato com o SEMAP, e fui recebida pelo Pastor Assis na sede principal da Igreja, no bairro Santa Maria, em Uberlândia. Ele contou que o projeto de Serviço de Missões aos Povos teve início depois que muitos haitianos começaram a frequentar os cultos na sede principal. Por morarem em bairros periféricos, o Pastor relata que a Igreja viu a necessidade de criar sedes especialmente para que os haitianos realizassem os cultos em crioulo, uma no bairro Tibery e outra no bairro Tocantins. O SEMAP oferece diversos tipos de assistência, material, espiritual e psicológica aos haitianos, e afirma atender cerca mais de 170 haitianos na cidade de Uberlândia. Além disso, o Pastor contou que muitos dos haitianos assistidos pelo SEMAP, acabam conseguindo emprego pelo contato da Igreja com empresários do ramo varejista, alimentício e da construção civil.

Apesar da lacuna existente acerca de políticas públicas em Uberlândia para imigrantes, e a conjuntura social, política e econômica instável do país, os haitianos continuam a migrar para a cidade. J.Y e V. são casos concretos que ilustram esse cenário do fluxo contínuo, os jovens haitianos chegaram em Uberlândia no início de 2018. A resistência na permanência também mostra-se presente. Quando questionado se é afetado pela crise que o Brasil enfrenta atualmente, S. exaltou sua resposta como positiva, disse que tudo fica mais difícil. Em relação a esses efeitos da crise serem motivadores para sua saída do Brasil, ele nega e explica que precisa ficar aqui para criar seu filho. No questionário, S. respondeu “Não deixam eu fazer um curso”. Ao final, S. contou sobre o desejo de fazer curso técnico “para conseguir um emprego melhor”, mas ele trabalha muito, e não tem tempo ou condição financeira para estudar.

CONCLUSÃO

Nesta monografia, procurou-se analisar primeiramente, o cenário global onde a mobilidade transnacional do capital está fortemente presente e é parte intrínseca da lógica de funcionamento do capitalismo, acompanhando o aumento da mobilidade de pessoas. A pesquisa evidencia, dentre outros aspectos, como as políticas de imigração assumem um caráter restritivo e repressivo, pois são pautadas como estratégia de defesa da soberania nacional e fundamentadas no Racismo de Estado (BASSO, 2015). Essa primeira questão é de enorme relevância para entendermos o atual contexto de entrada dos fluxos Sul-Sul para o Brasil, em particular sobre o fluxo de migrantes haitianos em Uberlândia.

A partir do caso da imigração haitiana, procurou-se demonstrar como o Brasil não está separado desse contexto de deslocamentos migratórios no contexto internacional. O fenômeno da migração não é interrompido, mesmo no atual momento de crise aguda no país. Apesar da existência de uma atmosfera de instabilidade econômica e política, os fluxos de chegada Sul-Sul no Brasil se mantêm. Isso confirma a hipótese de pesquisa investigada nesse trabalho.

Na medida do possível, foi feita a reflexão crítica acerca da continuidade dos fluxos migratórios. Dentro do recorte estabelecido, foi demonstrada a existência de uma demanda de trabalho de imigrantes haitianos, mesmo na conjuntura crítica do país atualmente. Em particular, essa questão mostra-se relevante para compreendermos a presença dessa imigração no país, e suas principais características.

No decorrer da imersão no trabalho de campo, a partir da observação-participante, das entrevistas e questionários, foram identificadas diversas barreiras no processo de estruturação da vida dos haitianos no país, e em Uberlândia.

São diversas as formas que os haitianos entram no Brasil, geralmente ocorrem por meio dos pedidos de refúgio. Quando não por meio de solicitação de refúgio, o custo para o visto brasileiro é alto e os requisitos absurdos, como foi demonstrado por um dos haitianos na etapa de coleta de dados qualitativos desta pesquisa. Portanto, compreendemos que apesar dos aparentes avanços legislativos, o Estado brasileiro continua tratando oficialmente esses imigrantes como indesejáveis (VILLEN, 2015).

O risco do declínio do pedido de refúgio existe, e para além da vulnerabilidade existente na possibilidade de indocumentação, existe a vulnerabilidade dos haitianos no mercado de trabalho. Ou seja, a inserção laboral é na maioria das vezes precarizada, pois “um imigrante é

essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (SAYAD, 1998).

A barreira do trabalho no processo de estruturação de um imigrante é um grande fator, pois chegam no país procurando por uma fonte de renda, e dependem disso para sua sobrevivência. Os postos que encontram são precários e com baixíssima remuneração, e quando a variável qualificação existe, não torna um diferencial dentro do mercado de trabalho.

A questão da língua também torna-se uma barreira. A língua oficial do Haiti é o crioulo, e mesmo que alguns também tenham sido alfabetizados em francês, é um consenso entre os migrantes haitianos que conheci no Projeto Nidus, que a língua portuguesa é difícil. Para além disso, existe também a questão da moradia. Como foi relatado no trabalho, há 26 famílias morando em condições precárias em um assentamento na cidade.

Observamos um vazio por parte das políticas públicas e de assistência social do município. A consequência dessa situação de negação e negligência é a transferência da responsabilidade do Estado para o terceiro setor, com o trabalho intenso das ONGs Enactus (UFU) e TAARE, além da atuação de caridade do SEMAP – Serviço de Missão Aos Povos da Igreja Assembleia de Deus. São essas redes de apoio, identificadas nesta pesquisa, que sustentam os imigrantes haitianos em Uberlândia.

Esse panorama reflete diversos aspectos, dentre eles: o desprezo pela população periférica, do Sul global, por parte das instituições públicas, que se insere em um contexto mais amplo de desmantelamento de serviços públicos brasileiros e no mundo. Esse despreparo proposital acentua a situação de precariedade do imigrante, que se intensifica em um contexto de crise social, política, econômica com o fortalecimento de ideologias políticas conservadoras.

É notável que ao contrário dos imigrantes árabes ou asiáticos, os haitianos não se mostram presentes em lojas e restaurantes no centro da cidade de Uberlândia. São imigrantes negros, que moram nos bairros periféricos, e ocupam empregos precarizados, muitas vezes rejeitados, como: servente de pedreiro em construção civil, auxiliar de serviços gerais, ou em frigoríficos. Vemos, portanto, que os imigrantes haitianos são completamente invisibilizados na cidade.

Finalmente, compreendeu-se a forte presença de haitianos trabalhadores em Uberlândia, que são atingidos pelas diversas formas de precariedade e invisibilidade, mas principalmente por parte institucional. O presente trabalho não esgota, é claro, todas as problemáticas e os devidos desdobramentos do objeto pesquisado, que merecem ser aprofundados em estudos futuros.

A imigração haitiana em Uberlândia é recente, e nesta pesquisa apresentou estar em um fluxo contínuo, apesar dos fatores conjunturais que apontamos. A demanda de força de trabalho haitiana em Uberlândia se mantém. Esses imigrantes são destinados a setores de mão de obra não-qualificada, com baixos salários e intenso ritmo de trabalho.

É preciso atentar o olhar a esse fenômeno de maneira crítica, é preciso dar voz para aqueles que passam o dia todo em silêncio, levantando os edifícios na cidade, principalmente em uma conjuntura política, econômica e social crítica no país, com inúmeras perdas sociais para a população brasileira, imigrantes e refugiados.

BIBLIOGRAFIA

a) Livros, artigos, dissertações e teses

ALBUQUERQUE, Lindomar; OLÍVAR, J. M. **Apresentação**. In: Revista Ambivalências, Vol. 3, n. 5. 2015.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo, Ed. da Unicamp/Cortez. 1995

BAENINGER, Rosana. et al (Org.). **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. 684 p.

BAENINGER, Rosana (Org.). **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

BAENINGER, Rosana (Org.). **Migração internacional**. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013.

BAENINGER, Rosana et al (Org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2018. 976 p. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/migracoes_sul_sul/migracoes_sul_sul.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018

BAENINGER; MAGALHÃES, 2016, p.240 In: **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. 684 p.

BAENINGER, R; SIMAI, S. **Racismo e sua negação: o caso dos imigrantes bolivianos em São Paulo**. Travessia (São Paulo), v. XXIV, p.49-62, 2011.

BARBOSA, Lorena S. **Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul: uma etnografia de sua inserção no contexto sociocultural brasileiro**. 2015. 201 f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. 2015. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6260/BARBOSA%2C%20LORENA%20SALETE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 de abr. de 2018.

BASSO, Pietro. **Imigração na Europa**. In: Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II, São Paulo, Boitempo Editorial, pp. 28-41. 2013.

BASSO, Pietro. **Racismo de Estado e antirracismo de classe na Europa**. In MARGEM ESQUERDA, vol. 24, pp. 57-71. 2015.

BRUBAKER, Rogers. **Membership without Citizenship: The Economic and Social Rights of Noncitizens**. In: Brubaker, Rogers, Immigration and the politics of citizenship in Europe and North America. Lanham: University Press of America, 1989.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTLES, Stephen. **Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios dos trabalhadores convidados às migrações globais**. Lisboa, Fim de Século, 2005.

CHESNAIS, François. **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências**. São Paulo: Boitempo, 2005.

CLEMENTE, C. C. **Estrangeirização da terra: comunidades rurais e profissionais transnacionais**. In: 41º Encontro Anual da ANPOCS, 2017, Caxambu. 41º Encontro Anual da ANPOCS.

FARIA, Andressa Virgínia de. **A diáspora haitiana para o Brasil: o novo fluxo migratório (2010-2012)**. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

FERNANDES, D.; FARIA, A. V. **A diáspora haitiana no Brasil: processo de entrada, características e perfil**. In: BAENINGER, R. et al. (Org.). Imigração haitiana no Brasil. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 95-111.

FERNANDES, D.; CASTRO, Maria da Consolação Gomes de . **A migração haitiana para o Brasil: resultados da pesquisa no destino**. Cuadernos Migratorios, v. 6, p. 09, 2014.

FERNANDES, D.; CASTRO, Maria da Consolação Gomes de ; RIBEIRO, C. . **A emigração haitiana para o Brasil: Minas Gerais como destino, a fala dos haitianos**. In: XIV Seminário

sobre Economia Mineira, 2014, Belo Horizonte. XIV Seminário sobre Economia Mineira. BELO HORIZONTE: UFMG, 2014. v. 1. p. 1-20.

FERNANDES, Florestan. **A integração do Negro na sociedade de classes**. Dominus Editora. São Paulo, 2 vols. 655 págs., 1965.

GOMES, Marcela Andrade. **Os impactos subjetivos dos fluxos migratórios: os haitianos em Florianópolis (SC)**. *Psicologia & Sociedade*, v. 29, p. 1-11, 2017.

MAGALHÃES, L. F. A. **Migração Internacional e remessas de Migrantes: elementos para uma análise marxista**. VII Encontro Nacional Sobre Migrações de Tema Central: Migrações, Políticas Públicas e Desigualdades Regionais. Curitiba/PR, 2011.

MAGALHÃES, L. F. A. **Imigração haitiana no estado de Santa Catarina: contradições da inserção laboral**. In: BAENINGER, R. et al. (Org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 505-524.

MAMED, L.; LIMA, E. O. de. **Movimento de trabalhadores haitianos para o Brasil nos últimos cinco anos: a rota de acesso pela Amazônia Sul Ocidental e o acampamento público de imigrantes do Acre**. In: BAENINGER, R. et al. (Org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p.113-171.

MAMED, Leticia Helena; LIMA, Eurenice Oliveira de. **Trabalho, precarização e migração: o processo de recrutamento de haitianos na Amazônia acreana pela agroindústria brasileira**. *Novos Cadernos Naea*, [s.l.], v. 18, n. 1, p.33-64, 28 jun. 2015. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. <http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v18i1.2079>.

MARINI, Ruy Mauro. **A dialética do desenvolvimento capitalista no Brasil**. In: **Subdesenvolvimento e revolução**. Florianópolis: Insular, 2012

ORTIZ, Renato. **Universalismo e Diversidade: Contradições da Modernidade-Mundo**, São Paulo, Boitempo, 2015.

PATARRA, N; FERNANDES, D. **Desenvolvimento e migração**. In CHIARELLO, L.M. (org) *Las Políticas Públicas sobre Migraciones y la Sociedad Civil en América Latina*. Cap. II Políticas Públicas e Migração Internacional no Brasil. Scalabrini International Migration Network. New York. 2011 pp. 160-194.

PATARRA, N. L. **O Brasil: país de imigração?** Metropolis, Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais, ano 3, n. 9, p. 8-18, 2012.

PEDROSA, A. P. A; SILVA, R. L. **A inserção laboral dos imigrantes haitianos no mercado de trabalho em Manaus.** 2015.

PETEAN, Antonio Carlos Lopes. **O Racismo e o Diálogo Entre as Ciências Humanas e as Ciências Naturais.** Revista Café com Sociologia, v. 03, p. 117-136, 2014.

PRADO JR., Caio. **História Econômica do Brasil**, São Paulo: Brasiliense, 1976.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**, Editora Schwarcz: São Paulo, 2011. (Capítulo I. Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas).

SASSEN, Saskia. **Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global.** 1.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da globalização**, Porto Alegre, Artmed, 2015.

SASSEN, S. **The mobility labor and capital.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988

SAYAD, A. **A imigração e os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Sidney. **Brazil, a new eldorado for immigrants?: the case of haitians and the brazilian immigration policy.** In: Urbanities, Vol. 3 n° 2 Novembre 2013.

SILVA, Filipe Rezende; LIMA, Cassio Francisco; FERNANDES, Duval Magalhães. **Um panorama geral dos imigrantes: haitianos, congoleses, senegaleses e ganeses.** p. 420 - 433 In: BAENINGER, Rosana et al (Org.). Migrações Sul-Sul. Campinas: Nepo/UNICAMP, 2018. Disponível:<<http://nempsic.paginas.ufsc.br/files/2015/02/LIVRO-MIGRAÇÕES-SUL-SUL.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

SEGUY, F. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti.** 2014. 399 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, 2014.

SOUZA, Dimas Antônio de. **Diagnóstico sobre migração e refúgio em Minas Gerais.** Belo Horizonte: UNILIVRECOOP, 2017.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. **O Brasil na agenda global das migrações internacionais: inserção estratégica ou ciclos migratórios?** In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA POLÍTICA, 1., 2015, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, 2015. p. 1 - 25. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/UEBEL-2015-O-Brasil-na-agenda-global-das-migrações-internacionais.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

VILLEN, P. **O trabalho forçadamente indocumentado e institucionalmente silenciado: a imigração dos “periféricos emergenciais”**. Revista da ABET, v. 14, n. 2, 2015

VILLEN, P. **Imigração na modernização dependente: “braços civilizatórios” e a atual configuração polarizada**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The capitalist world-economy**. Cambridge, Paris, Cambridge University Press, 1979.

b) Notícias e mídias de portais eletrônicos

Agência de Notícias IBGE. **Desemprego volta a crescer no primeiro trimestre de 2018**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20995-desemprego-volta-a-crescer-no-primeiro-trimestre-de-2018.html>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Portal de Notícias do Senado **Senador haitiano pede apoio à retirada das tropas da ONU do Haiti**. 2014. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/senador-haitiano-pede-apoio-a-retirada-das-tropas-da-onu-do-haiti>>. Acesso em: 26/03/2018.

Minas Guide. **A economia de Minas Gerais**. Disponível em: <<http://www.minasguide.com/pt/conheca-economia-de-minas-gerais/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

G1 Triângulo Mineiro. **Agropecuária e construção civil impulsionam saldo de emprego positivo em Uberlândia**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/concursos-e-emprego/noticia/agropecuaria-e-construcao-civil-impulsionam-saldo-de-emprego-positivo-em-uberlandia.ghtml>>. Acesso em: 30 maio 2018.

UHCNUR/ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Figures at a Glance**. 2017. Disponível em: <www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>. Acesso em: 12 de abr. de 2018.

UNIDAS, Nações. **Conselho de Segurança aprova fim da missão da ONU no Haiti.** 2017. Disponível:<<https://nacoesunidas.org/conselho-de-seguranca-aprova-fim-da-missao-da-onu-no-haiti/>>. Acesso em: 7 de maio de 2018.